



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“Experiência da Maternidade em Mães Adolescentes”

Carolina de Pádua Cardoso

20704

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA
ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a Orientação de Victor Amorim Rodrigues, apresentada no ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida - para obtenção de grau de Mestre em Psicologia na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Pensei que seria a parte mais fácil deste processo. Mas pôr por palavras aquilo que cada pessoa que está neste tópico fez por mim e pelo meu estudo é um desafio à altura.

Em primeiro tenho que agradecer aos meus pais e à minha irmã. São a minha fonte de inspiração e o pilar da minha vida. Dão-me força para todos os desafios, incontido-me sempre sentido de responsabilidade e humildade. Espero um dia poder ser um exemplo tão excelente como vocês são.

Ao professor Victor Amorim, muito obrigada por todo o apoio e pela paciência. Senti-me sempre à vontade para expor as minhas dificuldades e fez-me sentir desafiada a fazer melhor.

À Laura, obrigada pelas maratonas a trabalhar com muita amizade “à mistura”. Rir contigo tornou este processo muito prazeroso.

Á Inês, a amiga da minha vida. É uma inspiração e um exemplo de força. Obrigada por tudo o que fazes por mim.

Ao Francisco por ter sempre as palavras certas que me motivam e por me fazer querer descobrir o que o futuro me reserva. És-me essencial.

Obrigada, também, às participantes deste estudo. Obrigada por terem partilhado comigo a vossa experiência de forma tão genuína e transparente.

A todos os meus amigos, familiares e professores que me acompanharam nestes anos no ISPA...Ficarão para a vida as memórias, os ensinamentos, os ralhetes, os risos e o amor. Obrigada!

Resumo

O presente estudo tem como tema “A experiência da Maternidade em Mães Adolescentes”, tendo como principal objectivo descrever e compreender a experiência subjetiva da maternidade em participantes adolescentes. A metodologia utilizada neste estudo enquadra-se na Metodologia Fenomenológica de Amadeo Giorgi. Este método procura encontrar os constituintes essenciais e invariáveis da experiência. A amostra do estudo compreende quatro mães adolescentes, com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos, com filhos com idades entre os 7 meses e os 20 meses. O resultado da experiência apresenta diferentes dimensões como a falta de planeamento da gravidez, a percepção corporal das participantes, o seu suporte familiar, problemas de saúde associados, responsabilidade, desejo de adiar a mesma, diferenciação da experiência quando comparada a uma experiência de uma “mãe adulta” e o julgamento da sociedade.

Palavras-Chave: Maternidade, Mãe, Adolescência, Fenomenologia, Amadeo Giorgi

Abstract

The main goal of this study is to describe and understand the subjective experience of motherhood in adolescent participants. The methodology used in this study is framed in the Phenomenological Methodology of Amadeo Giorgi. This method seeks to find the essential and invariable constituents of the experience. The study sample included four adolescent mothers, aged 16 to 19 years old, with children between the ages of 7 months and 20 months. The result of the experience has different dimensions such as the lack of planning of the pregnancy, the corporal perception of the participants, their social support, associated health problems, responsibility, desire to postpone the experience, differences between their experience when compared to the experience of an "adult mother" and judgment from society.

Key Words: Motherhood, Mother, Adolescence, Phenomenological Method, Amadeo Giorgi

“Motherhood is a choice you make everyday, to put someone else's happiness and well-being ahead of your own, to teach the hard lessons, to do the right thing even when you're not sure what the right thing is...and to forgive yourself, over and over again, for doing everything wrong.”

— **Donna Ball, At Home on Ladybug Farm**

INDÍCE

1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
3. MÉTODO	14
3.1 PARTICIPANTES	14
3.2. INSTRUMENTOS.....	15
3.3 PROCEDIMENTO	15
3.4 INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA	16
3.5. MÉTODO FENOMENOLÓGICO	17
3.6 MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE AMADEO GIORGI.....	18
4. RESULTADOS	19
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	19
4.2 ANÁLISE DA ESTRUTURA GERAL DE SIGNIFICADOS NAS 4 PARTICIPANTES.....	19
4.3 CONSTITUINTES ESSENCIAIS DA ESTRUTURA GERAL DE SIGNIFICADO E VARIAÇÕES EMPÍRICAS.....	23
43.1. <i>Factores Individuais</i>	23
43.2 <i>Factores Relacionais/Contextuais</i>	28
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	36
5.1. DIÁLOGO COM A LITERATURA	36
5.2. CONCLUSÃO.....	41
5.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	41
5.4 POTENCIAIS E PROPOSTAS DE INVESTIGAÇÃO.....	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
7 - ANEXOS	48
ANEXO A- GUIÃO ENTREVISTA	48
ANEXO B - CONSENTIMENTO INFORMADO	49
ANEXO C – ENTREVISTA PARTICIPANTE 1	50
ANEXO D – ENTREVISTA PARTICIPANTE 2.....	63
ANEXO E – ENTREVISTA PARTICIPANTE 3	74
ANEXO F – ENTREVISTA PARTICIPANTE 4	82

1. Introdução

O presente estudo tem como tema “A experiência da Maternidade em Mães Adolescentes”, tendo como principal objectivo descrever e compreender a experiência subjetiva da maternidade em participantes adolescentes. A investigação foi realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

O objectivo académico prende-se com a aplicação e desenvolvimento de um estudo utilizando as aptidões e conhecimentos adquiridos durante o percurso académico no ISPA.

A escolha do tema surge com o contacto direto, através do Estágio Académico, com a população em estudo e com a vontade de refletir sobre a experiência das mesmas enquanto mães adolescentes.

A Dissertação começa com um Enquadramento Teórico em que é feita uma revisão da literatura relativa ao tema em estudo de forma a, mais tarde, relacionar a revisão com os resultados obtidos.

Seguidamente, é feita uma apresentação do Método que inclui descrição dos Participantes, Procedimento realizado para a obtenção dos resultados, descrição do Método Qualitativo, Método Fenomenológico, e Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.

Na terceira parte, é realizada a exposição dos resultados da Experiência da Maternidade, através da apresentação dos Constituintes Essenciais e Variações Empíricas das Participantes.

Por último, é gerada uma discussão em que é criado um diálogo entre os resultados obtidos e a literatura previamente apresentada. Surgem, também, sugestões para estudos futuros e as limitações do estudo em causa.

2. Enquadramento Teórico

Adolescência – Definição

Não poderíamos começar a abordar esta temática sem perceber o que é a adolescência, quando acontece e o que a delimita. É uma fase do desenvolvimento a que temos de prestar especial atenção porque, além de ser composta por diferentes alterações no sujeito, é o ponto de viragem para a idade adulta e é determinante para a mesma.

Se recuarmos ao significado da palavra, esta vem do latim “*adolescere*” que pode ser traduzido para “tornar-se homem/crescer na maturidade” (Muss, 1976).

Falando de limites legais, existem diferentes organizações que demarcam esta fase. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define “adolescência” como sendo um período compreendido entre os 10 e os 19 anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) define “*youth*” – Juventude - como o período entre os 15 e os 24 anos e “*Young Adults*” – Jovens Adultos – como sendo todos os indivíduos compreendidos entre os 20 e os 24 anos.

Na maioria dos países, em termos legais, um indivíduo torna-se independente/adulto com 18 anos. No entanto esta idade pode variar consoante o país e legislações do mesmo (Lírio, 2012).

Só a partir do século XIX é que a adolescência passa a ser considerada uma fase do desenvolvimento, uma fase transitiva entre ser criança e ser adulto. Antes considerava-se que a passagem era direta (Ferreira e Nelas, 2016).

O pediatra Tanner (1962) afirma que a adolescência é o período de passagem entre a infância e a idade adulta, como referido em cima. Está marcado pelas alterações a nível físico, psicológico, emocional e sexual. É também neste período que existe uma reorganização social e o adolescente passa a ter objectivos e metas consoante as expectativas do meio que o rodeia. É, então, um fenómeno social. Isto porque é uma fase do desenvolvimento em que existe uma pressão externa (aliada à expectativa) relativamente a estes sujeitos.

Sendo a própria adolescência um conceito social, não a podemos definir em termos absolutos. Vai depender da sociedade em que se insere e do próprio contexto histórico (Teixeira & Dias, 2004).

Eisenstein (1999) destaca que os parâmetros que marcam a adolescência (desenvolvimento físico, psicológico, social, emocional e sexual) são muito abrangentes e

variam de indivíduo para indivíduo, e, tal como o argumento de Teixeira e Dias (2004), não nos podemos basear na idade como parâmetro definitivo para delimitar a mesma. Dois sujeitos com a mesma idade podem apresentar níveis de desenvolvimento diferentes, podendo um ser mais precoce do que o outro - “*Assincronia de Maturação*”.

Esta fase é também marcada pelo desenvolvimento da identidade, criação de pontos de referência e criação de um projeto de vida (aquilo que querem fazer num futuro em contextos profissionais, familiares, entre outros) . A Organização Mundial de Saúde, referida anteriormente, define a adolescência como período “biopsicossocial”. É nesta fase que o sujeito tem consciência das alterações corporais, originando desorganização e posterior organização do “sistema psíquico”. Este ciclo é diferente para cada género, mas ambos têm dificuldades no que diz respeito a superar crises de identidade (Ferreira & Nelas, 2016).

Perante estas definições, e percebendo que cada individuo tem o seu ritmo de amadurecimento, como podemos atribuir um início e um fim à adolescência? Como percebemos que o indivíduo entrou na fase adulta?

A adolescência começa com a puberdade e acaba com o desenvolvimento e consolidação da personalidade do adolescente, agora adulto. Tanner (1962) acrescenta, ainda, que a puberdade é um fenómeno biológico. Caracteriza-se por alterações na morfologia e fisiologia, provocadas por mecanismos neuro-hormonais. É a puberdade que provoca a “maturidade sexual” (Papalia & Olds, 2000). As alterações físicas que acontecem, durante a puberdade, são o contributo fulcral para o indivíduo formar a sua “identidade sexual”. Esta é, também, marcada pelas normas e papéis que a sociedade atribui e encara como corretas (Moreira, Vian, Queiroz & Jorge, 2008).

Ferreira e Nelas (2016) declaram que a adolescência acaba quando o indivíduo se autonomiza internamente, conseguindo reunir diferentes condições como ter o seu próprio espaço (e.g. não depender das figuras parentais), características de personalidade, valores e competência para manter vinculações e relações bem estruturados com o outro. É capaz, também, de realizar “*tarefas desenvolvimentais*” (intelectuais, sociais, afectivas e sexuais). Muitos autores descrevem o adolescente da era moderna como o “indivíduo paradoxal”, em que ao mesmo tempo que procura uma autonomização extrema não deixa de recorrer aos pais para solucionar problemas; tanto sabe tudo como dúvida de tudo em si, tanto dá tudo como é um ser extremamente egoísta.

A adolescência, e as mudanças que provoca, é acompanhada pela necessidade de descobrir novas sensações, relações e de ter novas experiências, no panorama dos afectos e da sexualidade. Isto, muitas vezes, provoca conflitos no indivíduo, já que esta necessidade e a

“aquisição de maturidade emocional” não progridem da mesma forma (Rodrigues, 2010). Este cruzar de conflitos aliado a uma gravidez pode conduzir a crises pois cria um peso a nível social, físico e psicológico que impede a uma correta maturação (Jorge, Fiúza & Queiroz, 2006).

Gravidez na Adolescência

Com a industrialização da Europa Ocidental, a adolescência passa a ser encarada como o período de transição, entre criança e adulto, em que a aquisição de conhecimento para o futuro (através da escola) e a construção da identidade (Erikson, 1976). Seguindo esta linha de pensamento, alguns autores descrevem a gravidez nesta fase como sendo um entrave ao desenvolvimento pessoal. Representa assim um risco “biopsicossocial” para a pessoa em questão e conseqüentemente para toda a sociedade. Posto isto, passa a ser encarado como um “problema social” e passa a estar inserido nos campos da saúde pública (Teixeira & Dias, 2010). A gravidez não é considerada “normal” na adolescência; é um desvio da mesma, e é considerada como um factor de “frustração” para as mães adolescentes (Oliveira, 2008).

Mas será que a gravidez é sempre um factor de frustração? Descobriremos mais à frente.

Vemos na explicação de Oliveira (2008) que a gravidez na adolescência não é um fenómeno dos nossos dias e varia consoante a posição geográfica. A sua contabilização não é um processo fácil uma vez que só são contabilizados os números de partos e não o número de adolescentes grávidas.

Portugal representa o segundo país da Europa Ocidental com o maior número de gravidezes (Rodrigues, 2010). É importante referir que o aborto voluntário foi legalizado em 2007 no nosso país. A possibilidade de fazer um aborto faz com que seja mais difícil contabilizar o número de adolescentes que engravidaram (só contabilizamos a natalidade).

Factores que levam à Gravidez na Adolescência

Depois de explorarmos o conceito de “Adolescência” e de introduzirmos o conceito de “Gravidez”, ficamos com a possibilidade de esta representar uma “frustração” para as adolescentes que a experienciam. No entanto, e antes de percebermos como as adolescentes a

encaram e vivem, torna-se importante perceber quais os factores levam a que aconteça uma gravidez nesta fase.

Em primeiro lugar destacamos os factores sociais. Embora a Gravidez na Adolescência seja um fenómeno visível em todas as classes sociais, está mais presente nas classes mais desfavorecidas (Rodrigues, 2010). É também nas classes mais desfavorecidas que se dá uma tendência para a repetição de padrões familiares (e.g. pais que o foram sendo adolescentes), maior número de casos de núcleos familiares disfuncionais, empobrecidos, violência e consumo de substâncias que podem justificar uma “gravidez fora de tempo”.

Quanto a factores inerentes à própria adolescência temos a baixa-autoestima, o mau rendimento escolar, e a falta de objectivos para o futuro que representam um risco e levam a adolescente a ser mãe muito nova (Neinstein, 1991).

Como terceiro factor temos o aumento das relações sexuais “antes do casamento”/em idade precoce que contribui para o aumento das gravidezes (período entre puberdade e entre a emancipação económica cada vez maior). Muitas estas relações não são acompanhadas pelo uso de métodos contraceptivos (pela pouca informação e má comunicação com o parceiro sobre os métodos a utilizar) (Amazarray, Machado, Oliveira & Gomes, 1998). Num estudo desenvolvido por Tripp e Viner (2005), no Reino Unido, concluíram que a partir dos anos 90 a idade média para ter a primeira relação sexual desceu tendo estabilizado, agora, nos 16 anos, e é um valor equilibrado entre os géneros. Ter relações sexuais precoces está associado a sexo desprotegido, falta de informação, falta de acesso a meios contraceptivos, relações sexuais sob o efeito de álcool e/ou drogas, ou falta de autocontrolo e dificuldade a resistir à pressão. 10% dos rapazes inquiridos dizem ter tido a primeira relação sexual sob o efeito de substâncias, e 11% das raparigas dizem ter sido pressionadas pelo namorado para ter relações. Aqueles que tiveram relações com idade inferior a 16 anos, de dois terços a metade da população, revela que não utilizou protecção.

Ainda insistindo no facto de existir um desleixo face à contracepção e sendo notório, que os adolescentes começam a ter relações sexuais cada vez mais cedo, percebemos que a maioria dos adolescente já teve contacto sexual nesta fase de desenvolvimento. A pílula anticoncepcional foi o factor decisivo na viragem dos comportamentos. Isto porque o sexo, antes associado diretamente à reprodução, passa a ser encarado, também, como uma forma de obter prazer (Cano & Ferriani & Gomes, 2000). Logo o sexo é visto como fonte de prazer e provoca desleixo na contracepção (Dias & Gomes, 1999).

Sobre a contracepção, Smith, Weinman e Mumford (1982) estudaram as percepções das adolescentes, numa amostra de 104 participantes dos 13 aos 18 anos. Desta amostra cerca

de 89% das participantes não utilizaram meios contraceptivos, mas sabiam onde os poderiam arranjar (82%). Metade das mesmas não se sentia emocionalmente ou psicologicamente preparadas para serem mães e ficaram surpresas com a confirmação (66%). No estudo, os factores sociais e afectivos foram determinantes na “decisão” de não tomar/usar contracepção. Apesar de saberem o que são os meios contraceptivos, uma possível causa para as gravidezes é as adolescentes não perceberem bem os seus ciclos menstruais, a reprodução e os métodos mais aconselhados para cada caso. Existe alguma “imaturidade” face a esta questão, mesmo sabendo enunciar todos os métodos. Outra explicação é a forma como percebem o mundo: “isto não me acontece. Só aos outros”.. Nesta amostra foi visível que as adolescentes percebiam o mundo de forma “emocional” em vez de “racional”. Mesmo existindo “riscos” continuaram a comete-los. Parece existir uma discrepância entre aquilo que sabem das relações sexuais e aquilo que realmente acontece.

Burns (1999), desenvolve um estudo, heurístico, com 8 participantes inglesas que tiveram relações sexuais desprotegidas na concepção dos seus filhos. Uma das conclusões a que chegou é que existe falta de planeamento, ou seja, a maioria das participantes indica que as suas relações com o parceiro eram espontâneas e não planeadas. Revelam dificuldades em ter estabilidade na relação (sempre a terminar e a recomeçar) o que dificulta um planeamento de contracepção regular (e.g. como têm relações esporádicas não vêm necessidade de tomar a pílula regularmente). Também no estudo de Burns (1999), e como justificação para não usarem métodos contraceptivos as participantes não consideram existir probabilidade real de ficarem grávidas. Têm, também, medo dos efeitos da contracepção: sete das participantes apresentam receio de que a pílula possa provocar danos na sua saúde.

Quando olhamos para a gravidez na adolescência temos que considerar mais dois factores: a gravidez ser desejada e a gravidez ser vista como forma de tornar a relação com o parceiro numa relação mais séria. Burns (1999), explica que encontra no seu estudo participantes que tiveram desejo de engravidar: todas as participantes, de forma consciente ou inconsciente, têm vontade de “serem mães” e isto faz com que utilizem de forma incorreta ou até não usem os métodos contraceptivos. Oito das participantes viam a gravidez como forma de manter a sua relação e cinco disseram que “ser pai” faria os seus namorados “assentarem” e serem “fieis”; Para elas, pedir ao parceiro que utilizassem preservativo poderia ser motivo para “perderem” a relação. Neinstein (1991) acrescenta, que nos casos de gravidez planeada/desejada, as adolescentes, como vimos, têm como objectivo fortalecer relacionamento amoroso e ter alguém à sua responsabilidade como forma de se tornarem

independentes, de se revoltarem contra a família e até mesmo de provarem que são férteis. Estas situações acontecem maioritariamente em famílias mais desfavorecidas. Existem muitas mães adolescentes que encaram a gravidez como uma “auto-gratificação” e “auto-compensação” a nível afectivo (Rodrigues, 2010).

Suporte Social vs. Julgamento da Sociedade

O facto da adolescente descobrir que está grávida, no meio do turbilhão de mudanças e confusões, e sem ter passado pelos diferentes estádios que a preparam para a gravidez, faz com que a mesma necessite de um grande apoio emocional. Este apoio vai ser prestado pela família, pelos amigos e pelo parceiro.

O apoio familiar, com destaque para o apoio da mãe da adolescente, tem sido o foco da maioria das investigações. Caldwell, Antonucci e Jackson (1997), atribuem à mãe da adolescente, quando estas vivem juntas depois da gravidez, a responsabilidade de providenciar uma casa, apoiar financeiramente e assistir a adolescente e o bebé. Esta relação permite, também, que a mãe adolescente possa concluir os estudos e ter um emprego estável, bem como padrões de educação para o seu filho. Este apoio é essencial e é o apoio mais procurado para prestar cuidados ao bebé. É um apoio que se procura maioritariamente nas mães (como figura de referencia). Oberlander, Shebl, Madger, Black (2009) explicam que a presença de uma avó tem muito impacto na vida da adolescente e do bebé, principalmente nos seus primeiros vinte e quatro meses de vida. É também esta presença que faz com que o ajuste da adolescente a esta experiência melhore consideravelmente. São os avós da bebé, e o seu exemplo, que vai ajudar a adolescente na transição para “mãe”. Bunting e McAuley (2004) mostram no seu estudo que uma má relação com deficiente comunicação, entre a adolescente e a sua mãe, pode provocar situação de stress, negativismo face à gravidez e até mesmo aumentar os sintomas de depressão (Beers & Hollo, 2009). Olhando para a parte negativa da equação, percebemos que elevados níveis de apoio dos pais da adolescente podem ser indícios de maus cuidados da adolescente face ao seu filho. A falta de apoio da família pode refletir-se em comportamentos maternos menos positivos. O conflito pode surgir, também, através de adolescentes que querem estabelecer a sua independência e não estão dispostas a receber conselhos das mães e da família.

Quanto ao suporte do parceiro, Royce e Balk (1996) teorizam que o apoio deste contribui para um aumento da autoestima da adolescente, quando esta vê as suas necessidades “satisfeitas”. O suporte manifesta-se em diferentes vertentes, sendo o financeiro uma delas. No entanto, e apesar deste suporte ser importante para as adolescentes neste período da sua vida, foi detectado, também, como um motivo para a desistência dos estudos. O apoio do parceiro, bem como o apoio da avó combate sintomas de depressão.

O apoio do parceiro pode refletir-se em apoio “instrumental”, “emocional”, “cuidado do filho” e “cuidado da casa” (caso morem com as parceiras). De todos os apoios, o apoio do parceiro é aquele que tem mais impacto na educação/assertividade na atitude mãe-bebé. No entanto, e apesar de ter mais impacto o apoio da mãe da adolescente é mais duradouro se analisarmos longitudinalmente. Em suma, esta apoio (quando prestado de forma positiva) é impactante nas dimensões psíquicas e financeiras da Adolescente, mas pode resultar em abandono escolar. (Roye & Balk, 1996).

O suporte social, apesar de ser uma área pouco aprofundada, a rede social da mãe adolescente pode ter um impacto muito positivo na vida da mãe adolescente. É ele que vai dar “suporte” e “*feedback*” positivo face a maternidade. É, também, a rede de amigos e apoio que espelha a “competência social” das mães pois as ferramentas que vão utilizar para manter as amizades vai servir de bases na relação mãe-bebé (Roye & Balk, 1996). É também este suporte que permite a adolescente desabafar e ser aconselhada por alguém externo à família. É um pilar importante no apoio emocional.

No entanto, quando falamos de reações sociais, é recorrente acontecerem reações negativas que favorecem sentimentos de culpa, vergonha e incerteza. É visto como uma desobediência às regras da sociedade, afectando tanto a decisão de tomar conta da criança, como de fazer um aborto (Godinho, Schelp, Parada & Bertoncello, 2000). Godinho, Schelp, Parada e Bertoncello (2000) dão-nos o exemplo a nível da escola: as adolescentes podem entrar em conflito com a sua vida escolar, principalmente por se sentirem excluídas/julgadas pelos colegas e professores. Este fenómeno acontece porque tanto os professores como os colegas não estão preparados para lidar com a situação, a discriminação acaba por ser o mecanismo utilizado pelos mesmos. Os professores acabam por utilizar estes casos para mostrar aos colegas o que é um “mau exemplo” (Jorge, Fiúza & Queiroz, 2006).

Sendo a adolescência um conceito “biopsicossocial”, como vimos anteriormente, ao se formar “adolescente” o sujeito passa a ter um novo papel na sociedade. Papel este que está

sobrecarregado com “cobrança” social (Moreira, Viana, Queiroz & Jorge, 2008). É também a própria sociedade que orienta as noções daquilo que são os padrões de sexualidade. A adolescente vive dividida entre aquilo que é a sua sexualidade e expressão das mesmas nos tempos modernos, com aquela que é a expectativa da sociedade e a sua moralidade.

No estudo conduzido por Oliveira e Queiroz (2008), procurou descrever as “representações sociais das adolescentes” em relação à gravidez, com quarenta adolescentes que ainda não passaram por este processo. Tendo em conta o papel da sociedade na criação de padrões, “crenças”, “sentimentos” e “preconceitos”, é importante perceber o seu impacto nas adolescentes que são mães. O grupo de participantes indica como factor negativo da gravidez na adolescência o “julgamento moral” que é feito às pessoas que passam por esta experiência. Existe uma associação “pré-estabelecida” entre o julgamento e uma gravidez antes do casamento (visto como “símbolo” de uma mulher respeitável). Ou seja, ainda existe preconceito em relação à vida sexual feminina quando esta não está enquadrada no casamento e com vista para a reprodução. Referem, também, a dificuldade de “transição” entre a figura cuidada (como adolescentes) para passarem a ser a figura cuidadora (como mães). Ou seja, passam de serem cuidadas pelas famílias, mães, etc., para passarem a cuidar de outra pessoa. Existe dificuldade em mudar bruscamente padrão e passarem a ter responsabilidade de “adultas”. O autor sintetiza dizendo “a sua identidade social deixa de ser a de filha e passa a ser a de mãe”. Quanto mais nova é a adolescente em questão maior é a diferença de representações.

Experiência enquanto mães adolescente

Estudar adolescentes não é uma tarefa fácil. É um processo dinâmico que exige ao investigador que se infiltre de forma a chegar à “essência” e “significado” que esta fase tem para aqueles que a experienciam (Cavalcanti, Zeni, Pinheiro, Pessoa & Barbosa, 2000).

Como percebemos anteriormente, ser mãe nesta altura de mudança tem diferentes implicações e requer apoio social de várias frentes. Analisámos as diferentes manifestações de apoio, quem o presta e o que pode acontecer mediante se é negativo ou positivo. Vimos, também, como é que a sociedade encara esta experiência e como é que define as adolescentes que passam por ela. Vamos agora perceber como a experiência se manifesta nesta e quais os aspectos mais positivos e outros mais negativos.

Um traço comum que encontramos em diferentes estudos é o encarar a gravidez como forma de crescimento e focagem no futuro. Seamark e Lings (2004) elaboram um estudo, utilizando o método fenomenológico interpretativo, para analisar as entrevistas de nove participantes que foram mães enquanto adolescentes. O resultado estudo mostra que “ser mãe” teve um impacto muito positivo na vida das participantes. Parte das participantes mostra que este acontecimento fez com que mudassem a direção da sua vida e passam a considerar ter um carreira, uma vez que agora tinham outra pessoa à sua responsabilidade. Nas entrevistas as participantes explicam como os seus planos para o futuro se alteraram ao serem mães. Embora existam opiniões diferentes, a maioria diz que embora tenham sido mães muito novas, isto fez com que se focassem no seu futuro. Ter uma pessoa à sua responsabilidade provocou este crescimento e procura de um caminho na sua vida. Querem cuidar dos filhos melhor do que foram cuidadas. Mostram-se, também, realistas quanto às suas responsabilidades enquanto mães. Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998), na sua abordagem fenomenológica definem a dimensão de “Maternidade” como sendo uma experiência positiva que fez as participantes amadurecerem. Cuidar do seu filho revelou-se a experiência mais importante das suas vidas e combate os sentimentos de arrependimento de serem mães tão novas.

No estudo de Hanna (2001) que procura perceber como as “jovens mulheres” australianas, que passam por esta experiência, “negoceiam a maternidade” e constroem as suas relações e identidades, percebe-se que a gravidez tem um impacto positivo: Todas as mães admitem que a sua vida sofreu uma profunda transformação, pois passam de ter comportamentos rebeldes e irresponsáveis (e.g. consumo de substâncias ilícitas, relações de risco, relações sexuais desprotegidas e comportamentos considerados “disruptivos”) para terem comportamentos tidos como responsáveis uma vez que passam a ter outro dependente de si. Manter o bebé provocou uma mudança nos seus estilos de vida. No estudo a autora usa a metáfora da “metamorfose”: “a abertura do casulo para sair uma nova pessoa”. É uma forma de seguirem em frente, esquecendo o passado, e de provarem ao mundo que são mães responsáveis. Existe, também uma “gestão de desafios” que se relaciona com o sentimento de satisfação mesmo com as dificuldades e ajustes que têm que fazer às suas vidas; querem criar um ambiente seguro e familiar para os seus filhos.

Outro ponto positivo, na experiência da Maternidade enquanto adolescente, é a percepção corporal. Matsushani e Felice (1991) sugerem um estudo em que é feita uma comparação entre a percepção corporal de adolescentes grávidas e adolescentes que não estão grávidas. Comparando as participantes percebemos que aquelas que estão grávidas

apresentam maior autoestima e percepção corporal mais positiva. No entanto, apresentam menor capacidade de “autocrítica”. Como vimos anteriormente, a adolescência está marcada por diferentes alterações sendo uma delas a alteração corporal. Isto faz com que um dos desafios desta etapa seja o desenvolvimento de uma “imagem corporal satisfatória” (Felice, 1993). Isto requer anos de adaptação às mudanças que a puberdade “impõe” (Matsushani & Felice, 1991). Uma possível explicação para este resultado - maior autoestima e maior “consciência do eu” (que se apresenta como uma surpresa para os autores) – é o facto das adolescentes grávidas poderem desenvolver a sua “identidade sexual” através da gravidez. A menor “capacidade de crítica”, por parte das adolescentes grávidas, pode estar relacionado com o facto de se sentirem tão bem com elas e com o seu papel na família que não têm necessidade de fazer uma “autocrítica” (Matsushani & Felice, 1991).

Apesar de termos visto que de forma geral o impacto é bastante positivo, existem partes da experiência que não são tão prazerosas ou tão fáceis para a adolescente. Por exemplo, na experiência de Hanna (2001) percebemos que é comum a todas as participantes sentirem “pena” por terem “perdido” momentos característicos dos anos de adolescência e o contacto com os amigos, não sendo possível balancear a vida social, saídas à noite, tardes passadas no café, com o tomar conta de um bebé. Algumas amizades chegam mesmo a ser perdidas.

Outro elemento da experiência que é mais negativo é a resposta das famílias à notícia. Seamark e Lings (2004), como vimos anteriormente, apresentam que a maioria das participantes não planeou a gravidez (apenas uma das nove participantes do seu estudo planeou a gravidez). Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998), apresentam que no estudo deles apenas uma das seis entrevistadas planeou a gravidez. A utilização de meios contraceptivos foi precária, mesmo quando tinham informação. Nunca pensaram que iria acontecer naquela fase. Descobriram estar grávidas depois dos três meses (período em que poderiam realizar uma interrupção voluntária da gravidez); Uma vez que não é planeada as famílias são apanhadas de “surpresa” devido à idade das participantes. As reações, no seu estudo, não foram consideradas “más”, mas existiu alguma neutralidade na reação. Só com o tempo é que as famílias se “acostumaram” à ideia e começaram a ter uma posição mais ativa neste processo. No estudo de Hanna (2001) as participantes passaram pelo abandono familiar quando os familiares descobriram a gravidez. A atitude só se alterou passado um tempo depois de o bebé nascer. No caso Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998), as reações

foram desde o desespero a apoio, passando ainda por considerar a ideia do aborto. Não conseguiram encontrar um padrão.

Ainda no estudo de Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998), identificaram a Dimensão “Ser Gestante vs. Ser Adolescente” – A experiência de ser mãe nesta fase do desenvolvimento apresenta dificuldades em conjugar o estar grávida e todos os cuidados que isso requer, com o estar numa fase de desenvolvimento complicada como a adolescência (e.g. frequentar a escola) e a dificuldade em conciliar as duas dimensões. Destacam nesta dimensão sentimentos de arrependimento, sentimentos ambivalentes, e, também, “amadurecimento”.

No estudo conduzido por Oliveira e Queiroz (2008), destaca-se mais um ponto negativo da experiência: as dificuldades financeiras. Não faz sentido ter um filho numa idade em que ainda não existe independência e não existem condições financeiras para sustentar um filho, sem recorrer a apoios externos. A gravidez é tida como “incompatível” se relacionarmos com a vida económica de um adolescente.

Saúde, Pós-parto e Apoio de Instituições

Uma gravidez mal acompanhada, que é frequente nesta idade, principalmente em meios sociais mais carenciados, leva a complicações como a anemia, perturbações emocionais, perturbações no parto, pré-eclampsia, tentativa de aborto, entre outras. A população adolescente está, também, mais exposta a factores de risco como o consumo de álcool e drogas, que prejudicam gravemente a gestação. Existe também uma tendência para não terem um acompanhamento pré-natal adequado (Teixeira & Dias, 2010).

O facto de não terem este acompanhamento, que é dos factores decisivos para uma gravidez saudável e controlada, vai causar problemas não só para a mãe, como já vimos, mas também para o bebé. As problemáticas relacionados com recém-nascido vão ser a nível biológico (e.g. nascer prematuro, baixo peso, morte na infância, dificuldades cognitivas, dificuldades em se adaptar a vida fora do útero) e a nível social (e.g. nascer num meio empobrecido, nascer numa família que não o deseja e conseqüentemente o negligencia) (Rodrigues, 2010). Tripp e Viner (2005), na sua investigação, mostram que a mortalidade em bebés de mães adolescentes é 60% superior ao de mães com de idades mais elevadas. Este valor aplica-se, também, às problemáticas identificadas em cima e estes bebés terão no futuro tendência a ser pais adolescentes. Uma gestante adolescente terá mais tendência para

complicações biológicas do que uma gestante com uma idade mais avançada (Teixeira & Dias, 2010).

Nos cuidados prestados às mães adolescentes existe uma negligência ao nível dos cuidados psicológicos e emocionais, fulcrais tanto para a sua saúde como para a dos seus bebés. Este cuidado, individual e humanizado, deveria ser concebido de forma a perceber a pessoa na sua subjetividade e percebendo todas as suas dimensões. Promovendo/mantendo ou recuperando a dignidade e a “*wholeness*” do sujeito (Jorge, Fiúza & Queiroz, 2006).

Intervir com adolescentes grávidas é extremamente desafiante. Há que ter em conta as suas necessidades bem como as das pessoas que a rodeiam. Na intervenção tem que se ter em conta quatro dimensões: obstétrica, educação, social e psicológica. A instituição que as recebe deve ser constituída por uma equipa multidisciplinar (Justo, 2000).

Os profissionais de saúde e membros das diferentes instituições de apoio, devem, através da criação de uma relação de respeito e confiança, ajudar a adolescente de forma a evitar situações de abortos voluntários e tentativas de suicídio (Moreira, Viana, Queiroz & Jorge, 2008). As equipas de profissionais procuram acompanhar as adolescentes a nível psicológico, bem como instruí-las em relação à *sexualidade, parentalidade e maternidade*. É preciso, também, adequar as temáticas à evolução do tempo e criar uma linha de comunicação aberta e fluente, em que a adolescente possa exprimir as suas dúvidas e ansiedades quer sobre a gravidez, quer sobre ser adolescente.

3. Método

O objectivo do presente estudo é descrever e compreender a experiência da maternidade em mães adolescentes. Perceber como estas perceberam o fenómeno de “ser mãe” enquadrando o mesmo na fase de desenvolvimento em que se encontram (adolescência) Passemos agora à descrição da amostra.

3.1. Participantes

A amostra recolhida para o recente estudo compreende 4 participantes com idades compreendidas entre os 16 e 19 anos. Foram escolhidas de forma aleatória. As participantes, quatro mães adolescentes, encontra-se a estudar na Escola Móvel numa Instituição de apoio a Mães, em Lisboa. E foi aí que decorreu o estudo.

As participantes têm filhos com idades compreendidas entre os 7 e os 20 meses. É importante destacar que esta amostra é composta por participantes de classe baixa, com diferentes dificuldades económicas e, algumas, sociais. Daí frequentarem a Instituição em questão.

Para recolher esta amostra os critérios basearam-se na idade das participantes (ter uma idade compreendida entre os 15 e os 19 na altura em que estiveram grávidas) e no facto de já terem sido mães. A amostra procura ser o mais diversificada no que toca a idades das mães e idade dos filhos. Participaram neste estudo de acordo com a sua disponibilidade para serem entrevistadas presencialmente e de forma voluntária, após ter sido explicado que seria um estudo sobre a sua experiência enquanto mães, seria confidencial e que teríamos que marcar uma entrevista. A recolha acabou por ser vantajosa na medida em que, ao ter estagiado na instituição em questão existiu uma maior proximidade com a amostra alvo deste estudo.

Para uma síntese mais precisa de cada uma das participantes encontra-se um quadro, em baixo, com os dados sociodemográficos das mesmas. Para manter o anonimato substitui o nome pela letra “P” e um número (atribuído de forma aleatória).

Participantes	Idade (anos)	Profissão	Estado Civil	Idade Filho (meses)	Ano Escolaridade
P1	17	Estudante	Solteira	9	10º ano
P2	19	Estudante	Solteira	20	11º ano
P3	17	Estudante	Solteira	7	9º ano
P4	16	Estudante	Solteira	11	8º ano

3.2. Instrumentos

O Instrumento utilizado neste estudo foi um guião (Anexo A) constituído por 12 perguntas abertas, na linha do modelo teórico escolhido, que vou descrever mais à frente. Com este guião o estudo procura obter uma descrição pormenorizada daquela que foi a experiência das participantes antes da gravidez, durante a gravidez e no pós da mesma. Foi utilizado, também, um gravador de telemóvel, com o consentimento das participantes, de forma a que a transcrição das entrevistas fosse a mais fidedigna e correspondente àquilo que as participantes descreveram. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para um computador de forma a ser possível a análise das mesmas.

O Método Fenomenológico de Giorgi foi o método utilizado para trabalhar os dados destas entrevistas. Foi a linha condutora deste estudo. As entrevistas tiveram um carácter exploratório com um cariz descritivo.

3.3. Procedimento

O Procedimento começa com a elaboração do “Guião da Entrevista” (Anexo A). Seguidamente, após a sua construção, foi validado por uma das Técnicas da Instituição que explicou que a aprovação do estudo passava pela aprovação da direção e por receber o consentimento das mães. Só poderíamos avançar se elas o aceitassem. Foi marcada uma reunião com a Diretora da Instituição, que prontamente autorizou a recolha de dados e as entrevistas. Voltou a frisar que só o poderíamos fazer com o consentimento das participantes

e que este seria a determinante para a realização das entrevistas. Teria que ser uma escolha das mães e teria que ser voluntária.

De seguida, dirigimo-nos à Escola Móvel (sistema de ensino virtual, que as mães frequentam na Instituição) aproveitando um dos intervalos das aulas. Aí foi explicado às alunas que estávamos a realizar um estudo em que o objectivo era descrever e compreender a sua experiência enquanto mães adolescentes. Teríamos que agendar um momento em que lhes iria fazer uma série de perguntas de um guião previamente desenhado. Explicámos, também, que a finalidade era a realização de uma Tese de Mestrado e que todos os dados seriam anónimos. Prontamente tivemos quatro voluntárias que quiseram partilhar a sua experiência. Passámos então ao agendamento das entrevistas, agilizando com o seu horário escolar. Primeiramente, foi assinado o Consentimento Informado (Anexo 2). O tempo da entrevista variou consoante as respostas dadas (facilidade/dificuldade em descrever as suas experiências).

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas à luz do modelo fenomenológico de Amadeo Giorgi.

3.4. Investigação qualitativa

A Investigação Qualitativa encontra as suas origens em diferentes áreas como a filosofia, sociologia, psicologia e muitas outras (Ponterotto, 2005). E dentro desta existem diferentes opções, opções essas que têm que ser tomadas de acordo com aquilo que estamos a estudar (Giorgi & Sousa, 2010).

Para determinarmos o tipo que investigação que vamos fazer temos que perceber o que vamos estudar, qual é a nossa “pergunta de investigação”. Só assim conseguimos escolher o método mais apropriado (Giorgi & Sousa, 2010). Braga (2007) expõe a importância de delinearmos o nosso projeto e percebermos a dimensão do mesmo. Só assim conseguiremos escolher o método a utilizar. Para este estudo e para conseguirmos descrever o fenómeno da maternidade para as mães adolescentes, o mais adequado é fazer uma investigação qualitativa. Isto porque através das descrições das experiências das adolescentes vamos encontrar Unidades de Significado Psicológico, que explicarei mais à frente.

A investigação qualitativa, ao invés da quantitativa, não procura uma representação em número ou uma quantificação do fenómeno em estudo. Uma investigação qualitativa

procura compreender as dinâmicas das relações e das experiências de um indivíduo ou de uma amostra com o fenómeno (Silveira & Córdova, 2009). A investigação qualitativa pressupõe que a forma de agir de um indivíduo tem “significado” sendo que este pode ser “subjetivo” ou “intersubjetivo”. Vê-la de um ponto de vista quantitativo pode limitar a forma como olhamos para a percepção que a pessoa tem da sua experiência (Fraser & Gondim, 2004). A descrição do fenómeno/experiência é feita, muitas vezes, com a própria linguagem dos participantes (Taylor & Bogdan 1998).

Ou seja, os métodos qualitativos procuram descrever e/ou interpretar (dependendo do método escolhido) o fenómeno através da experiência de cada pessoa (Langdrige, 2007).

3.5. Método Fenomenológico

Donalek (2004) defende que todos os métodos têm como base uma crença filosófica sobre “o que nós sabemos ou o que achamos ser a natureza da realidade”. No caso da fenomenologia, esta surge com Edmund Husserl, como sendo um “movimento filosófico”. O seu contributo prende-se, não só, na forma como revolucionou a filosofia mas, também, na forma como o “homem se pensa a si e ao mundo” (Giorgi & Sousa, 2010). Segundo Martins, Boemer, & Ferraz (1990) Husserl propõe “voltar ao mundo vivido”. A fenomenologia surge como forma de descrever a experiência do sujeito tendo em conta a sua intencionalidade e consciência. A Psicologia Fenomenológica surge quando Husserl se apercebe das limitações da Psicologia (Giorgi & Sousa, 2010).

O primeiro passo, numa investigação fenomenológica representa seleccionar participantes que tenham experienciado o fenómeno, e que para além de disponibilidade tenham capacidade para descrever o mesmo (Donalek & Soldwisch 2004).

A Psicologia Fenomenológica alicerça-se no conceito de intencionalidade que está intrinsecamente ligado à intenção do sujeito. Ou seja, a Psicologia Fenomenológica procura estudar, tem como objecto de estudo, a experiência consciente que um sujeito tem relativa a um objecto, seja ele qual for (Giorgi & Sousa, 2010). Husserl explica que a consciência “é sempre consciência de alguma coisa”. O que faz o sujeito agir é a intencionalidade, sendo que esta é o entrar em contacto com o objecto e “estabelecer referencias entre a consciência e o objecto”. Assim, Husserl define a fenomenologia como sendo a ciência que vai descrever as “essências da consciência e dos seus atos” (Martins, Boemer, & Ferraz, 1990). A fenomenologia estuda a forma como a pessoa percebe aquele objecto, consoante a sua

consciência do mesmo. É importante referir que ao estudar este objecto a dimensão da subjetividade afecta a consciência e a forma como o sujeito percepção o objecto. Não se pode estudar o fenómeno ou o objecto sem a subjetividade do sujeito (Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Giorgi (2012) a Psicologia Fenomenológica de Husserl pressupõe três passos fundamentais:

- **Em primeiro lugar**, direccionamo-nos para o objecto e determinamo-lo. Seguindo para a descrição do mesmo.
- **Em segundo lugar**, assumimos uma atitude de redução fenomenológica transcendente. Tendo especial atenção ao conceito de *Epoché*. *Esta refere-se à suspensão da atitude natural e conhecimento prévios*. O que é sabido é aquilo que vêm à consciência da descrição da experiência. A redução significa reduzir os objetos e situações mas não os “atos de consciência”. Assim, com esta etapa, eliminamos possíveis parcialidades, percebemos como o objecto “se dá à consciência e como existe” e percebemos “novas dimensões da experiência (Giorgi & Sousa, 2010).
- **Por último** descrevemos as características invariantes do objecto com a ajuda do método da Variação Livre Imaginativa. Isto significa eliminar aspectos particulares do fenómeno e “executar uma redução edictica” (Giorgi & Sousa, 2010).

3.6. Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi

O objetivo do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi prende-se com a investigação do “sentido” da experiência do sujeito. Dando destaque à descrição minuciosa da experiência e ao impedimento que de conhecimento anteriores possam influenciar aquilo que está a ser descrito.

Giorgi e Sousa (2010) sintetizam os passos do método:

1 – Estabelecer o Sentido Geral: nesta etapa, para o investigador conhecer o sentido geral do fenómeno, deve ler a descrição do mesmo na totalidade.

2- Determinação das partes: as entrevistas são relidas e divididas de forma a formar Unidades de Significados. Estas unidades vão facilitar o processo de análise da experiência.

3 – Transformação das Unidades de Significado em Experiências de Carácter Psicológico: aqui encontramos significados psicológicos que estão “subjacentes” aquilo que o individuo descreveu como sendo a sua experiência, com a ajuda das Unidades de Significado. Estas sofrem uma transformação devido à Variação Livre Imaginativa.

4- Determinação de Estrutura Geral de Significados Psicológicos: por último, é feita uma síntese dos significados psicológico, e são determinados os constituintes essenciais da experiência. É aqui que percebemos os significados que são invariantes à experiência. Ou seja, percebe quais os constituintes que são comuns a todas as entrevistas. Após esta etapa, é feita uma relação com a literatura e comparasse os resultados obtidos com resultados de estudos anteriores.

4. Resultados

4.1 Apresentação e Análise de resultados

Através da análise das entrevistas realizadas às quatro participantes, foi possível encontrar um Estrutura Geral dos Significados Psicológicos, estrutura essa que é transversal em todas as entrevistas e que nos indica os Constituintes Essenciais desta experiência, a experiência de ser mãe durante a adolescência. Dentro dos Constituintes foi possível criar subconstituintes dos mesmos.

4.2 Análise da Estrutura Geral de Significados nas 4 participantes

A experiência de maternidade no período da adolescência dá-se com a conjugação de factores individuais e relacionais/contextuais.

Num panorama de factores individuais, começamos com a **percepção da mudança corporal**. Apenas um terço das participantes apresenta uma boa relação com o corpo enquanto adolescente, mas todas elas percebem a sua mudança enquanto mulheres grávidas. Acompanhando as mudanças que ocorrem no corpo, durante a gravidez, todas as participantes apresentam **problemas de saúde associados à gravidez** que, em alguns casos, resulta em dificuldades de locomoção e até mesmo ao impedimento de ir à escola. Outro factor individual que encontramos é a **responsabilização**. Todas as participantes referem que antes de engravidarem eram irresponsáveis: ou não iam à escola ou só se importavam com a sua vida social. Todas elas referem que ser “mãe” fez com que passassem a ser mais responsáveis e que a sua preocupação é, agora, o futuro e o bem estar dos seus filhos. Apesar de existir suporte social (factor relacional/contexto) que vemos mais à frente, existe uma

alteração da vida social das sujeitas. Esta alteração enquadra-se na responsabilização, porque as participantes referem que antes de engravidar, enquanto adolescentes, tinham uma vida social muito ativa, com muitas saídas e com muitos amigos. Ao engravidarem e ao serem mães existe uma redução significativa da sua vida social em que passam a estar menos presente nos encontros sociais e passam a estar mais dedicadas a ficar com os seus bebés em casa, dizem que tomar conta dos filhos é a sua prioridade e que não podem ser irresponsáveis como antes. Por último, temos o **desejo de adiar a experiência de ser mãe**. Todas o gostavam de fazer. Algumas Apesar de nem todas mostrarem arrependimento, a verdade é que gostavam de ter sido mães mais tarde.

Quanto aos fenómenos relacionais/contexto começamos com a **gravidez não planeada**. Todas as participantes afirmam que não planearam a gravidez e que não utilizaram métodos contraceptivos. Referem como sendo algo “do momento” que não projetaram. No entanto afirmam-se como sendo pessoas informadas. Referem que a sua geração tem acesso a todo o tipo de informação sobre a sexualidade, até mesmo nas escolas são expostas a esta temática. Afirmam que a gravidez não pode ser associada à falta de informação. Afirmam que é uma decisão do momento, algo que “acontece”, principalmente porque não utilizam métodos contraceptivos. Após confirmarem que estão grávidas as participantes entram em choque. Apesar de algumas já desconfiarem, quando se dá a confirmação é isto que sentem. O que leve à confirmação e conseqüentemente ao choque é a pressão das famílias e dos namoradas para fazerem o teste. As pessoas à sua volta apercebessem e exercem pressão para que estas confirmem a gravidez. A confirmação da mesma dá-se sempre de forma tardia e vem sempre associada a negação quando o fazem. Como quarto fenómeno temos o **suporte familiar/social**. Em todos os casos as participantes receberam apoio das suas famílias, parceiro/pai do filho e dos amigos. Em alguns casos, alguns membros familiares não aceitaram a ideia de forma positiva inicialmente. Mas, mais tarde, todos apoiam a gravidez. Todos os pais dos bebés assumem os mesmos e reagem de forma positiva (não há nenhum que se oponha ou tenha uma reação negativa sobre a gravidez). Os amigos mostram-se apoiantes das mesmas. Quanto à maternidade, todas as participantes dizem existir uma **diferenciação de experiência** entre “mães adolescentes” e “mães adultas”. Um referem que a diferença está na independência, outras na maturidade e que o processo é mais fácil para as adultas. Por último temos o **juízo da sociedade**. Todas as mães experienciam ou são conscientes da forma como a sociedade olha para ela e as julga.

Tabela 1 - Síntese dos Constituintes Essenciais e sub-Constituintes da Experiência

Síntese dos Constituintes Essenciais e sub-Constituintes da Experiência	
Constituintes	Tipo de factor
1. Gravidez não planeada <ul style="list-style-type: none"> • Não utilizam métodos contraceptivos • Decisão momentânea • Informação disponível • Choque 	Relacional/Contextual
2. Suporte Social/Familiar	Relacional/Contextual
3. Percepção da Mudança Corporal	Individual
4. Problemas de saúde associados à Gravidez	Individual
5. Responsabilização <ul style="list-style-type: none"> • Alteração da Vida Social 	Individual
6. Desejo de adiar a Experiência	Individual
7. Diferenciação da Experiência	Relacional/Contextual
8. Julgamento da Sociedade	Relacional/Contextual

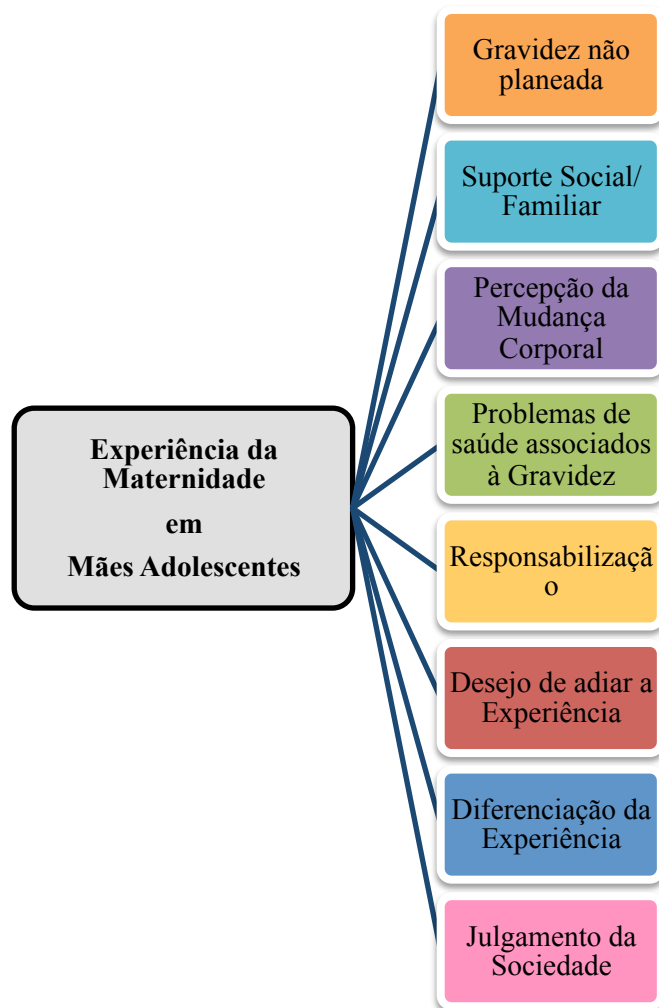


Figura 1 – Constituintes Essenciais da Experiência da Maternidade em Mães Adolescentes

4.3 Constituintes Essenciais da Estrutura Geral de Significado e Variações Empíricas

4.3.1. Factores Individuais

Tabela 1 – Percepção da Mudança Corporal

Variações Empíricas	
P1	“Nos primeiros meses, como a barriga não parece bem barriga de grávida, eu na minha opinião sentia-me gorda. Eu pensava “fogo as pessoas vão pensar...fogo” é que não parecia mesmo. Oh mas depois à medida que o tempo...a barriga vai moldando e crescendo, eu pelo menos, sentia-me memo bonita”
P2	“Eu estava mais gostosa como mulher grávida do que estou agora, porque eu grávida estava normal mas com uma barriguinha bué grande que cresceu no ultimo mês. Tipo gostei.”
P3	“Antes tinha um corpo...bonito! Vá! Tudo no sitio (risos). Quando eu fiquei grávida fiquei gorda! Engordei oito quilos, tipo tinha sessenta e fui para os sessenta e oito. Sentia-me gorda, sentia-me tão gorda...nem saía de casa, queria ficar sempre em casa, não saía...”
P4	“Sempre me senti bem com o meu corpo antes de engravidar. Mas tudo se manteve muito igual. A única coisa que me fazia mais confusão era a barriga (risos) eu nunca tinha tido barriga e foi estranho perceber ela a crescer.”

Todas as participantes percebem a mudança do corpo durante a gravidez. No entanto, este constituinte varia de participante para participante. Varia entre percepções positivas e percepções negativas. Em alguns casos, existe, também, uma comparação entre a forma como encaravam o seu corpo enquanto adolescentes (antes da maternidade) e enquanto mulheres grávidas (com todas as mudanças associadas à gravidez).

No caso da P1 começou a ficar mais “inchada” sendo este factor que “denuncia” a gravidez. Refere também que inicialmente não percepcionava a sua barriga como sendo uma barriga de grávida, o que fez com que se sentisse “gorda”. Com o passar do tempo, e com o crescimento da barriga, começa a perceber as mudanças e diz que aqui já se sente “bonita”. Afirma também que enquanto adolescente encarava o seu corpo como sendo um “corpo

normal”, dizia ter os “complexos normais” da idade. Mas diz que isto mudou e que aprendeu a “amar” o seu corpo com o desenvolver da gravidez. Apresenta uma percepção positiva daquilo que foi a sua mudança corporal.

Para a P2, enquanto adolescente estava num regime de dietas, dizia não se sentir bem com o seu corpo. Diz que se sentiu mais atraente como mulher grávida devido às mudanças que existiram principalmente com a barriga. Neste caso, a percepção é, também, positiva.

Em relação à P3, o caso foi um pouco diferente. Esta não apresenta complexos ditos “normais” pelas outras participantes, enquanto adolescente. No seu caso tinha uma imagem corporal muito positiva, dizendo mesmo que tinha um “corpo bonito”. Com a gravidez passa a perceber o seu corpo como sendo “gordo”. Chega mesmo a enfatizar utilizando a expressão “sentia-me tão gorda”. No caso da P3, a mudança corporal faz com que a percepção passa de positiva para negativa.

Por último, na experiência da P4, a percepção corporal é muito estável. Diz que se “sentia bem” com o seu corpo antes de engravidar e que continuou a sentir-se enquanto mulher grávida. A percepção corporal, quando a barriga começa a crescer, é descrita como sendo uma experiência “estranha” que lhe causou alguma “confusão”.

Tabela 2 – Problemas de saúde associados à Gravidez

Variações Empíricas	
P1	“Não pude continuar na escola porque ir para lá, ir para aquela escola...como é que eu hei de explicar?... era um trajeto muito complicado, para uma pessoa grávida andar, principalmente eu com gravidez de risco...podia perder a criança a qualquer momento.”
P2	“Tipo ficava muito cansada. Como descobri aos seis meses acabei por nem tomar o ferro, então sentia-me mal. E eu moro no quinto andar, e no verão ficou sem elevador. Ficava bué cansada.”
P3	“Sentia-me muito cansada. Fogo, é muito cansativo! Ainda por cima eu tive anemia, né? Então passava o dia a beber água e a tomar comprimidos. Estava tão mal...não é nada bom.”
P4	“Continuei na escola. Só não fui no último mês porque tinha que subir uma rampa e sempre que o fazia perdia sangue, foi complicado ao início.”

É visível, em todas as participantes, problemas de saúde associados à gravidez. Todas elas apresentam condições que dificultam o seu dia-a-dia e a sua experiência enquanto grávidas. No caso da P1, estamos presente um caso de gravidez de risco. Afirma mesmo que este risco a impediu de percorrer o percurso até à escola, o que fez com que não pudesse continuar a frequentar a mesma. Na sua entrevista afirmou que os “primeiros meses foram complicados” e só com repouso é que ficaram mais “tranquilos”. A P1 esteve nove meses sem frequentar a escola, devido à sua condição. No caso da P2, o problema de saúde estava diretamente relacionado com a descoberta tardia. Como só confirmou a gravidez aos seis meses, não tomou os suplementos necessários o que fez com que os seus valores de ferro não estivessem estabilizados. Provocou um cansaço extremo e dificuldades nas tarefas do dia-a-dia. Para a P3 o problema de saúde foi anemia. Afiram que estava “muito cansada” e que foi a parte “difícil” da sua gravidez. No entanto, e apesar de dizer que tinha que passar o dia a beber água e a seguir um regime de medicação, a anemia não foi impedimento de ir à escola ou de fazer as sua rotina. Por último, para a P4 os problemas de saúde refletem-se em perdas de sangue. Apesar de não apresentar um diagnóstico para esta perda, afirma que a impossibilitou de ir à escola no último mês de gestação.

Tabela 3 – Responsabilização

Variações Empíricas	
P1	“Mas mudou tudo, né? Não posso sair tanto, não posso passar tempo fora de casa.. tenho uma pessoa à minha responsabilidade. Mas tenho que gerir a minha vida, vá, consoante a minha filha. Tenho mais responsabilidade. Porque não posso fazer tudo o que quero.”
P2	“É complicado porque tens que estudar e tens que levar uma vida de estudante mas ao mesmo tempo uma vida de, já tipo, adulta. Ficas mais responsável. Já com...tens que ter em atenção aquilo que fazes porque tens outra pessoa que está sob a tua responsabilidade. (...) “Se fosse preciso, antes, eu ia na escola para assistir a uma aula. Agora não. Agora tenho mais responsabilidade. Antes saía mesmo muito. Não respeitava tanto as pessoas, agora já respeito. Sinto que cresci com a gravidez e com o ser mãe.”
P3	“É conciliar o ser adolescente e ser mãe. Temos que pensar no nosso filho. Eu

	antes queria parar de estudar, desistir da escola, e agora sei que tenho que acabar. Porque é difícil. Tenho que trabalhar para ter a minha casa e as minhas coisas e para cuidar do meu filho. Tenho mais responsabilidade por isso.”
P4	“Por um lado é bom ser mãe por outro não. Crescemos e ficamos mais responsáveis, mas perdemos muita coisa.”

É notório em todas as participantes uma responsabilização enquanto mães. Antes de engravidarem assumem-se como sendo irresponsáveis em que as suas prioridades eram sair à noite e estar com os amigos. Frequentemente faltavam à escola e às suas obrigações. No entanto, com a gravidez, passa a existir uma consciencialização de que estes comportamentos não podem continuar porque existe uma pessoa dependente delas. Falam de crescimento, amadurecimento e de responsabilidade. Neste constituinte está identificado um subconstituente que é a “Alteração da Vida social” . Esta alteração surge como resultada da responsabilização.

No caso da P1 a sua filha torna-se a sua prioridade e a sua vida passa a estar organizada consoante as necessidades da bebé. Diz que para além das responsabilidades de uma mãe “normal” tem um acréscimo de responsabilidades para acabar a escola, conseguir um emprego e consequentemente poder dar um futuro à filha. Ser mãe fez com que “crescesse mais rápido” e que colocasse a vida social e as saídas de lado, ou pelo menos que reduzisse as mesmas. Apesar de se “divertir” mais como adolescente (porque estava mais com os amigos e “não parava em casa”) agora sabe que tem uma “pessoa à sua responsabilidade” e que tem que cuidar dela. As suas decisão têm impacto na vida da filha.

Para a P2, à semelhança da P1, a vida social era uma prioridade. Saía constantemente com os amigos e faltava constantemente às aulas. Agora já não quer ser irresponsável. Ao ser mãe sente que quer ser responsável, quer ir às aulas e tem “mais respeito pelos outros”. O ser mãe fez com que percebesse que tem que ter atenção porque “tem outra pessoa à sua responsabilidade”. Diz que ficou responsável por saber que tem que acabar os estudos. Foi ser mãe que fez com que percebesse que a escola é uma ferramenta para alcançar um futuro melhor para ela e para o seu filho. A gravidez fez com que crescesse e com que passasse a ser responsável.

A P3 tinha uma situação escolar diferente das restantes participantes. Esta queria parar de estudar. Diz que ao ser mãe percebeu que não podia cometer essa “irresponsabilidade” e que teria de trabalhar para ter “a sua casa, as suas coisas e cuidar do seu filho”. A própria

relação amorosa, que é uma relação que descreve como “normal”, passa a ter mais responsabilidades. Apresenta o facto de o seu filho ainda amamentar como factor para reduzir as saídas e os momentos sociais. O facto de ele ainda ser “dependente” faz com que tenha de ir com ela para todo o lado.

Por último, a P4 afirma que a gravidez tem o seu lado bom e o seu lado mau. Apesar de se perder muita coisa (refere momentos da adolescência, “tempo da vida e muitas experiências novas que poderia ter tido”) ganhou responsabilidade. Deixa de priorizar unicamente a vida social (estava sempre “na rua com os seus amigos, não ligava ao resto”) e deixa de faltar às aulas (hábito que tinha antes de engravidar).

Como referido em cima, e presente em todas as entrevistas, está a “Alteração da Vida social” das participantes. Todas afirma que antes de engravidarem estavam constantemente com os amigos e em saídas e ter um bebé mudou isso. Surge o factor “responsabilidade”. Na seguinte tabela podemos encontrar as variações empíricas de cada uma delas.

Variações Empíricas do Subconstituente “Alteração da Vida Social”	
P1	“Eu penso que eles me deixaram de falar porque eu já não posso sair, já não posso estar nos momentos “fixes” deles, por isso não era amizade.”
P2	“Com os meus amigos eu afastei-me mais deles porque, amigos não, amigas, porque saíamos muito para festas e sítios. Mas como estava grávida, elas continuaram a chamar, mas eu não me sentia em condições para ir. Não estava apta. Então acabei por afastar essas amizades. Até mesmo quando o L nasceu perdi a vontade de sair. Desde que tive o L só sai duas vezes. Mas planeio sair esse sábado porque o L já esta a ficar crescido para ficar sem mim. “
P3	“Antes saía mais e tinha mais amigos. Agora, como ando sempre com o C só aqueles que são mesmo mesmo amigos é que continuam do meu lado.”
P4	“Não me disseram nada. Ficaram na boa. Nada mudou entre nós. A única coisa que mudou foi o número de vezes que nos vemos e que saímos.”

Tabela 4 – Desejo de adiar a Experiência

Variações Empíricas	
P1	“Se me perguntassem se esperava mais para ter um filho...sim, esperava. Gostava de ter sido mãe só daqui a uns anos (risos) mas se me perguntassem se me arrependo dizia que não.”
P2	“Naquele momento, quando descobri, fiquei em choque. Era muito nova, sempre pensei em ser mãe lá para os vinte e cinco, quando tivesse a minha casa e o meu carro. Tipo não sei, eu tipo acho que essa informação já me andava a entrar há imenso tempo então não foi aquele grande choque. Gostava que não tivesse sido logo.
P3	“É uma boa...por um lado não queria ser mãe cedo, mas por outro...não me arrependi. Se pudesse escolher tinha sido mais tarde, mas não me arrependo.”
P4	“É difícil. Ela é chata (risos) mas é bom. Se pudesse teria tido um bebé mais tarde, não tão nova.”

Todas as participantes apresentam o desejo de ter adiado a experiência de serem mães. No caso da P2 e da P3 durante o seu discurso percebemos que existe este desejo (a P2 já tinha projetado ter filhos com o namorado, mas mais tarde) mas o mesmo não está associado a arrependimento. Ou seja, se perguntarmos se preferiam ter sido mães mais tarde a resposta é “sim” mas ao mesmo tempo não se arrependem de já o serem. Nos outros casos o arrependimento não é abordado. As participantes apresentam a idade como sendo o factor que influencia o quererem ser mães mais tarde. Todas elas se consideram “novas” para esta experiência.

4.3.2 Factores Relacionais/Contextuais

Tabela 5 – Gravidez não planeada

Variações Empíricas	
P1	“Não foi uma gravidez planeada. Estávamos a planear mas não para agora. Naquele dia não utilizamos nenhum preservativo...aconteceu. foi um descuido

	da nossa parte. Estamos naquele momento e não pensámos bem naquela que poderia ser a consequência. Nunca pensamos que nos pode acontecer a nós (risos)”
P2	<p>“Não foi planeado. Aconteceu. O pai do meu filho ele...ele nunca foi meu namorado. Tipo era só assim de vez em quando. Isso porque como ele vive na Suíça então ele só vinha aqui de vez em quando. Então, nesses “de vez em quando” acontecia sempre qualquer coisa. Então num desses “de vez em quando” olha aconteceu!</p> <p>Utilizaste algum meio contraceptivo?</p> <p>Não, no momento aquilo tipo... não dá para lembrar isso.</p>
P3	“Não foi planeada. Aconteceu (risos) foi do preservativo. Não usámos. Não posso dizer que foi esquecimento...aconteceu”
P4	“Não utilizámos meios contraceptivos. Foi uma opção do momento. Não planeamos nada”

Todas as participantes afirmam que não planearam a gravidez. Foi a resposta que deram à pergunta “Como aconteceu a gravidez?”. A P1 e a P3 encontram-se em relações amorosas estáveis enquanto que a P2 e a P4 tinham relações esporádicas com o pai do seu bebé. Nenhuma das participantes utilizou métodos contraceptivos (o preservativo é o mais referido) e nenhuma delas estava a tomar a pílula. Tanto a P1, como a P2 como a P3 referem a gravidez como algo que “aconteceu”. E todas, à exceção da P3 dizem mesmo que foi “algo do momento”. É essa a justificação que dão. Perante estas respostas, e com o factor “não utilizei métodos contraceptivos”, a pergunta que surgiu foi “Hoje em dia, na tua geração, há informação suficiente?”. O objectivo era perceber se estas participantes tinha consciência/noção das consequências daquela cação desprotegida.

Surge assim o subconstituente “Informação Disponível”. Todas as participantes afirmam que na sua geração existe informação. E que a falta desta não pode ser utilizada como desculpa porque não acontece. Para a P1 há informação, o que acontece é que os adolescentes têm “falta de descuido” (o que queria dizer é que é um descuido, têm falta de cuidado). Para a P2, e como já referi, não pode ser uma “desculpa”, porque têm acesso a estas informações. A P3 afirma mesmo que os adolescentes não usam porque “não gostam” e porque gostam de “experimentar coisas diferentes”. A P4 concorda e diz que não utilizam porque “não querem”.

Variações Empíricas do Subconstituente “Informação disponível”	
P1	“Sim. Não podemos mesmo dizer que há falta de informação para as pessoas da minha idade. Principalmente em Portugal. Quantas vezes eu na escola, eu..pelo menos uma vez por ano iam à escola informar e fazer coisas com os powerpoints e explicar tudo. Por isso nunca é falta de informação. Não há falta de informação à falta de descuido (risos).”
P2	“Sim, eu acho que sim, temos informação. A falta de informação não pode ser utilizada como desculpa.”
P3	“Sim, temos muita informação. Há muita informação nas escolas. Acho que acontecem tantas gravidezes porque as adolescentes não gostam de usar preservativo, essas coisas, dizem que não, gostam de experimentar coisas novas, depois acontece isso. Não foi por falta de informação”
P4	“As pessoas da minha idade não usam porque não querem. Há muita informação. Desde a escola à internet. Acaba por ser uma escolha.”

Dentro da Gravidez não planeada temos outro subconstituente que é o “choque”, que surgiu com esta mesma expressão em todas as entrevistas. Apesar das participantes já desconfiarem que estavam grávidas, quer pelas alterações corporais quer pelos alertas que os familiares e amigos deram, a verdade é que quando confirmaram a gravidez tiveram um momento de choque. Choque por serem novas de mais e choque por não saberem aquilo que o futuro lhes reservava.

Variações Empíricas do subconstituente “Choque”	
P1	“Foi um choque no momento. De certo modo já sabia há algum tempo. Do nada as minhas roupas começaram a ficar mais apertadas, estava mais inchada, mas nunca suspeitei que fosse isso.”
P2	“Naquele momento, quando descobri, fiquei em choque. Era muito nova, sempre pensei em ser mãe lá para os vinte e cinco, quando tivesse a minha casa e o meu carro.”
P3	“Eu já desconfiava, mas não queria ter a certeza. Eu fui na farmácia, no dia seguinte, fazer o teste. Descobri aos 3 meses. Nem sei explicar. Fogo...como é que eu vou explicar? Foi

	um choque, né? Por um lado estava com medo da gravidez, da reação da minha mãe e essas coisas. Como é normal.”
P4	“E depois a minha mãe disse para eu ir fazer um coiso ao médico, nós fomos e olha...foi um choque no inicio mas depois pensei que me iam julgar e isso tudo, mas depois tudo passou. Foi um pouco assustador.”

Tabela 8 – Suporte Social/Familiar

Variações Empíricas	
P1	“Não estava à espera. Só me comecei a sentir mais calma quando recebi o apoio das pessoas. Aí comecei a sentir bem. (...)Ele reagiu mesmo bem, o que me deu alguma força. Acho que se ele reagisse mal tinha sido muito complicado para mim.”
P2	“Cheguei em casa e disse “olha mãe estou grávida” ”então eu não te disse, eu sabia?” foi a resposta dela. Não ralhou, não disse nada. Nesse dia pegou e fomos às compras. Eu queria tanto uma menina que eu fui comprar roupa de menina. (...)E fui contando as restantes ao longo do ano. Mas só as raparigas. Elas ficaram bue contentes.”
P3	“Ah ao principio a minha mãe falou muito e tal...no principio foi mau, falou-me e ralhou-me mas depois passou, e começou a ajudar-me a preparar tudo e continuam a ajudar.”
P4	“O meu pai julgou-me mas depois pediu-me desculpa. Percebi as reações mas ao mesmo tempo fiquei um bocado chateada. Agora todos me perguntam se estamos bem, mandam beijos, gostam da minha filha. O choque deles foi mais pela idade, mas agora todos gostam da minha filha”

Relativamente ao Suporte familiar/social podemos perceber-lo em três dimensões distintas, sendo estas o apoio da família, o apoio do companheiro/pai do bebé e o apoio dos amigos. Todas as participantes tiveram uma rede de suporte durante este processo. Para compreendermos melhor como este se manifesta, vamos olhar para as quatro participantes.

Para a P1, o apoio das pessoas à sua volta foi fundamental para que se sentisse mais calma com a notícia de que estava grávida. Destaca a reação do pai do bebê dizendo “Quando lhe contei ele tava super feliz. Nesse momento em que lhe contei tava mais que eu. Estava mesmo feliz. Porque ele...ele estava mais ansioso que eu. Porque eu nem sonhava que estava grávida e ele dizia que sabia. Então quando eu lhe contei ele disse “Ele reagiu mesmo bem, o que me deu alguma força. Acho que se ele reagisse mal tinha sido muito complicado para mim”. Mostra o quão importante foi o apoio/reação dele. Quanto à família, tinha medo de lhes contar pois não sabia qual seria a reação. Depois de contar a reação foi melhor, embora mostrassem preocupação com a sua idade: “Mas eles até reagiram melhor do que eu estava a contar. Eles também não esperavam, e claro, também pela minha idade, ficaram preocupados com a forma como iria tomar conta e ter forma de cuidar da minha filha. Mas nunca me fizeram sentir mal ou foram contra eu ter o bebê. Estão do meu lado”. Por último, P1 fala das suas amigas. Este ponto mostra-se sensível para ela. Explica que muitas pessoas deixaram de lhe falar e que hoje em dia só os “verdadeiros” é que a acompanham. Que estranhou e que se sentiu “desamparada” com a mudança de amigas à sua volta. No entanto destaca e dá valor aos amigos que ficaram.

Para P2 o suporte familiar foi muito importante. Como a mãe estava constantemente a alertá-la que o corpo estava a mudar e que ela poderia estar grávida, reagiu bem quando se deu a confirmação. Segundo P2, mal chegou a casa e contou à mãe a sua reações foi de “pegar” nela e “ir às compras” comprar as primeiras coisas para o bebê. Quando ao pai do bebê, como este vive noutra país, a notícia foi dada por telefone. P2 diz que como ele é mais velho já queria ter filhos então reagiu bem à notícia. Vem de “três em três meses” e quando vem vai “passear com o filho”. P2 diz que já tinha intenções de o levar para passar o Natal. Mas P2 não deixou: “meu filho. Fica comigo”. Em relação aos amigos não refere concretamente o seu apoio. Diz que estes continuar a chamá-la para os encontros sociais mas que esta se afastou. As colegas da escola ficaram “bue contentes” com a notícia.

P3, ao contrário da P1 e P2, começou por ter uma reação familiar em que a mãe “ralhou” e “falou” muito, deixando P3 em lágrimas. No entanto esta fase inicial passou e aí a mãe começou a apoiar, ajudando P3 a preparar tudo. Afirma que presentemente continua a ajudar. O namorado da P3 reagiu “normalmente”, explica que este já desconfiava e que lhe “falou bem” quando deu a notícia. Disse à P3 para não se preocupar que tudo ia “correr bem”. Quanto aos amigos, “não contou a muitas pessoas, só aos amigos próximos. E esses continuaram iguais com ela”. Diz que só os amigos verdadeiros é que continuaram do seu lado.

Por último, a P4 referiu que foi difícil lidar com a família e com a sua reacção. A mãe ficou “chateada” e o tio dela “ julgou-a e lidou com ela como se ela já não fosse sua familiar”. A pessoa que a apoio prontamente foi a tia, madrinha do seu bebé. Diz que o apoio inicial da tia se deveu ao facto de esta também ter sido mãe adolescente – “passou pelo mesmo”. Com o passar do tempo a situação foi melhorando e os familiares “pediram desculpa” à P4. Ela diz que a reacção foi “um choque por causa da idade dela” mas agora “todos gostam da filha” e mandam-lhe “beijinhos”. Ao contrário das outras participantes, embora o pai do bebé “tenha assumido o mesmo como seu” não participa na vida do filho e/ou mantém qualquer tipo de contacto com P4. A sua relação era esporádica. Quanto às amizades afirma que nada mudou. A única diferença é no “número de vezes” que se encontram. Diz que quando começou a contar as pessoas a “abraçaram e a dizer que queriam ser padrinhos e madrinhas”.

Embora em dimensões e em relações diferentes, todas as participantes tiveram alguma forma de suporte, quer tenha sido da família, do companheiro/progenitor do bebé ou dos amigos.

Tabela 10 – Diferenciação da Experiência

Variações Empíricas	
P1	“Por um lado ser mãe é ser mãe, né? Aqui não há grande diferença. Mas em questão de adolescente acaba por ser diferente para nós porque somos mães adolescentes e priva-nos um bocado à nossa adolescência, acabamos por perder algumas coisas. Não podemos sair tanto e fazer tantas coisas porque temos uma filha.”
P2	“As condições são a grande diferença. Tu sendo adulta já tens as tuas coisas, não dependes de ninguém. Tens o teu trabalho, a tua casa, sabes que no final do mês tens aquele dinheiro,. Nós como estudantes não temos orçamentos familiares, não trabalhamos. Sabemos que ao final do mês temos 400 euros para fraldas e assim. Não temos o que gerir, está a ver? Quer dizer, existem os abonos. Mas eu não os recebo.”
P3	“É muito bom ser mãe, é mesmo. gosto. Apesar de ser nova, mas isso não tem nada a ver. Só precisa de ter responsabilidade e maturidade. Há mães mais velhas que não tem maturidade para criar um filho. A diferença está em ser

	independente. As mães mais velhas já tem a sua casa e a sua independência.”
P4	“É difícil. Ela é chata (risos) mas é bom. Se pudesse teria tido um bebê mais tarde, não tão nova. Mas não existe grande diferença, acho eu. Talvez a independência que as mães mais velhas têm. Ainda me falta algum tempo para deixar a escola e poder começar a trabalhar. Elas têm essa sorte que nós não temos”.

Todas as participantes consideram que é diferente ser “mãe adolescente” quando comparado com “mães adultas”.

P1 diz que “mãe” é um conceito universal que não varia com o ser adulta ou adolescente. Mas que para as adolescentes, como no caso dela, é mais desafiante porque acabam por perder “momentos” próprios da idade. Diz que enquanto adolescente acha a experiência mais “difícil” porque para além das “responsabilidades de uma mãe normal” tem que “estudar para poder trabalhar e ter a sua independência”.

P2 refere as “condições” como factor de diferenciação. As adultas são independentes e podem gerir a sua vida, enquanto que uma adolescente ainda não trabalha e/ou recebe de forma a não dependerem do agregado familiar.

P3 e a P4, assim como P2, focam a “independência” como sendo o factor diferenciador. No entanto P3 afirma que a “responsabilidade” e “maturidade” são os elementos determinantes para ser mãe e não a idade.

Tabela 11 – Julgamento da Sociedade

Variações Empíricas	
P1	“Principalmente a geração mais velha olham-nos com um olhar... parece que fizemos algum crime. Pelo menos eu sinto isso. Quando tou na rua com a minha filha e isso...a pessoas ficam a olhar e a pensar “fogo esta aqui não tem responsabilidade nenhuma para ter uma criança” é o que muitos pensam. E eu prefiro às vezes nem olhar para não ficar triste nem magoada. Sinto, dá para sentir. Mesmo não estando a olhar para a pessoa sei que a pessoa está a olhar para mim. Eu consigo sentir e fico super desconfortável. Só me apetece dizer às pessoas as coisas como elas são. Eu dizia que não tem que tar a julgar pelas

	idades das pessoas, porque a maturidade não se julga pela idade. E elas não sabem a maturidade de cada pessoa. Às vezes há pessoas mais velhas que têm filhos e não têm a maturidade nenhuma e não têm responsabilidade nenhuma sobre os filhos. Por isso...não tem que tar a julgar as pessoas...não gosto.”
P2	“Tipo eu acho que nao se aperceberam tanto que eu era jovem. Avançam sempre a minha idade. Mas basta alguém que não nos conhece perceber que somos novas para terem logo uma opinião má sobre nós...como se fosse irresponsável.”
P3	“Olha com uma cara de tipo...bue estranha. Como “se fosse a minha filha” e não sei o quê. Depois ficam a olhar muito quando estamos no comboio a ir para a escola. Ficam a olhar muito e a pensar “olha uma criança com um bebé”, “olha duas crianças”. Às vezes dá vontade de perguntar “o que é que foi?” não é?. Porque olham com aquela cara...Fico às vezes irritada. São mais os homens, as mulheres são poucas.”
P4	“Eu não dou muita importância. Antes dava, mas agora já não dou. Não dou importância para o que as pessoas dizem. Eles pensam sempre que é uma criança com outra criança. É um bocado de julgamento.”

Todas as participantes já sentiram “na pele” aquele que é o preconceito da sociedade em relação à sua experiência enquanto “mães adolescentes”. P1 explica que isso a deixa “magoada” que prefere evitar olhar para as pessoas mas sente que estas a julgam, mesmo assim. É um preconceito que vem das camadas mais velhas da sociedade. Sente que é um olhar reprovador como se ela não tivesse responsabilidade para ter um filho. Mas riposta dizendo que “elas não sabem a maturidade de cada pessoa”. Para P1 uma mãe mais velha pode ter menos maturidade e ser menos apta que ela. Não se resume tudo à sua idade. Tem tudo a ver com “maturidade e responsabilidade”. P2 diz que não sofreu muito preconceito porque as pessoas pensam que ela é mais velha. No entanto, e à semelhança da P2, afirma que basta perceberem que é mais nova que sente a reprovação como se não fosse “responsável” o suficiente. P3 fica “irritada” com este tipo de situação. Diz que sofre mais julgamento por parte dos homens e que as pessoas pensam “olha uma criança com outra criança”. Apesar de não ligar a este comportamento, a P4 afirma o mesmo que a P3, as pessoas julgam com a premissa “olha uma criança com outra criança”.

5. Discussão dos Resultados

5.1. Diálogo com a Literatura

O primeiro Constituinte Essencial que encontramos neste estudo é a “**Gravidez não planeada**”: P3 - “*Não foi planeada. Aconteceu (risos) foi do preservativo. Não usámos. Não posso dizer que foi esquecimento...aconteceu*”. Percebemos que nenhuma das participantes queria ser mãe nesta fase e que não planearam este acontecimento. Duas das participantes (P2 e P4) tinham relações esporádicas e, segundo Burns (1999), este tipo de relação “espontânea e não planeada” pode levar a que seja difícil para a adolescente fazer um planeamento da sua contraceção de forma regular. Todas as participantes confirmam que não utilizaram métodos contraceptivos. Dias e Gomes (1999) teorizam que em pleno século XXI os adolescentes encaram o “sexo” como forma de obter prazer e não como forma de reprodução o que faz com que “naquele momento” (como explicam as participantes) exista um desleixo na utilização da correta contraceção. Nenhuma das participantes utilizavam a pílula como método contraceptivo regular. Encontramos aqui o subconstituente “Não utilizam métodos contraceptivos”.

Smith, Weinman e Mumford (1982) explicam que existe uma certa “imaturidade” das adolescentes em que o mundo é percebido de uma forma emocional ao invés de uma forma racional. Tem consciência dos riscos mas não os encaram como podendo ter consequências: P1 – “*Estamos naquele momento e não pensamos bem naquela que poderia ser a consequência. Nunca pensamos que nos pode acontecer a nós (risos)*”. Todas definem esta gravidez como algo que “aconteceu no momento”. Aqui a “Decisão Momentânea” surge como um subconstituente deste estudo. A decisão momentânea é aliada ao “Choque” (subconstituente) porque mesmo não tendo qualquer tipo de prevenção não esperavam ficar grávidas.

Tripp e Viner (2005) associam as relações sexuais prematuras e não planeadas à falta de informação das adolescentes. Isto não se comprova neste estudo. Todas as participantes afirmam ter informação disponível (subconstituente) a seu dispor. P1 explica :“*Sim. Não podemos mesmo dizer que há falta de informação para as pessoas da minha idade. Principalmente em Portugal. Quantas vezes eu na escola, eu..pelo menos uma vez por ano iam à escola informar e fazer coisas com os powerpoints e explicar tudo. Por isso nunca é falta de informação. Não há falta de informação à falta de descuido (risos).*” Ou seja, a participante diz que é falta de cuidado da sua parte.

Como segundo Constituinte Essencial temos o **“Suporte Familiar/Social”**. Sendo a gravidez durante a adolescência uma experiência que provoca diferentes reações e emoções, faz com que as adolescentes precisem de apoio. Este suporte pode ser dado pela família, parceiro e amigos. Sendo que cada apoio tem as suas características. No caso da P1, por exemplo, o apoio foi dado pela mãe. Assim que lhe contou a mãe quis ajuda-la nas compras para o bebé. Segundo Caldwell, Antonucci e Jackson (1997) é a mãe da adolescente que, e quando a relação é positiva, providencia a casa, apoia financeiramente e assiste a adolescente e o bebé. É também o suporte familiar que permite que as adolescentes continuem os estudos e procurem um futuro melhor. Para a P2 o suporte do namorado foi imprescindível *“Ele reagiu mesmo bem, o que me deu alguma força. Acho que se ele reagisse mal tinha sido muito complicado para mim.”*. Royce e Balk (1996) explicam que o apoio do parceiro aumenta a autoestima da adolescente e esta sente-se apoiada neste processo. Todas as participantes tiveram apoio dos amigos.

O terceiro Constituinte Essencial do estudo é a **“Percepção da Mudança Corporal”**. Assim como no estudo de Matsushani e Felice (1991) percebemos que as adolescentes que estão grávidas têm uma autoestima mais elevada e uma percepção corporal mais positiva. Estas percepcionam o seu corpo a mudar e sentem-se melhor assim P1: *“Nos primeiros meses, como a barriga não parece bem barriga de grávida, eu na minha opinião sentia-me gorda. Eu pensava “fogo as pessoas vão pensar...fogo” é que não parecia mesmo. Oh mas depois à medida que o tempo...a barriga vai moldando e crescendo, eu pelo menos, sentia-me memo bonita”*. No entanto, e apesar de todas terem percepcionado a sua mudança corporal, nem todas se sentiram melhor: P3 *“Antes tinha um corpo...bonito! Vá! Tudo no sitio (risos). Quando eu fiquei grávida fiquei gorda! Engordei oito quilos, tipo tinha sessenta e fui para os sessenta e oito. Sentia-me gorda, sentia-me tão gorda...nem saia de casa, queria ficar sempre em casa, não saía...”*.

O quarto Constituinte Essencial é **“Problemas de Saúde Associados à Gravidez”**. Teixeira & Dias (2010) explicam que uma gravidez mal acompanhada neste idade (que é frequente) pode levar a consequências na saúde da adolescente. Todas as participantes do estudo apresentam problemas de saúde, desde anemias, a falta de ferro e a perdas de sangue. Existe mesmo uma participante que tem uma gravidez de risco. No caso da P2, e indo em conformidade com os autores, a participante explica que como *“só confirmei que estava grávida aos seis meses, não tomei ferro”* e daí surgiram as suas complicações.

Um dos factores mais abordados no Enquadramento Teórico e que está presente em todas as participantes destes estudo é o quarto Constituinte Essencial: A

“Responsabilização”. P3 afirma: *“É conciliar o ser adolescente e ser mãe. Temos que pensar no nosso filho. Eu antes queria parar de estudar, desistir da escola, e agora sei que tenho que acabar. Porque é difícil. Tenho que trabalhar para ter a minha casa e as minhas coisas e para cuidar do meu filho. Tenho mais responsabilidade por isso.”*. Seamark e Lings (2004) percebem que a gravidez teve um impacto muito positivo nas adolescentes que estudaram porque foi a gravidez que as fez crescer e mudar a direção da sua vida, de forma a ter um futuro. Estarem grávidas fez com que fossem mais responsáveis. Hanna (2001) explica que no seu estudo as mães dizem que passam de ter comportamentos irresponsáveis de “adolescente” para passarem a pensar noutro ser humano à sua responsabilidade. Dá-se assim uma “Alteração da Vida Social” (subconstituente) porque as mães têm que reduzir os seus encontros sociais para priorizar o seu filho dependente delas.

O seguinte Constituinte Essencial que encontramos é o **“Desejo de Adiar a Experiência”**. P4 disse *“É difícil. Ela é chata (risos) mas é bom. Se pudesse teria tido um bebé mais tarde, não tão nova.”* Assim como no estudo de Smith, Weinman e Mumford (1982) percebemos que as adolescentes não se sentiam preparadas “emocionalmente” e “psicologicamente” para serem mães, se pudessem adiavam esta experiência. P1 afirma que sempre pensou em ser mãe, mas pensava nisso para o seu “futuro”. À exceção da P4, todas as participantes dizem que apesar de gostarem de adiar a experiência não se arrependem de serem mães.

O **“Julgamento da Sociedade”** é outro Constituinte Essencial, porque está presente em todas as entrevistas. P3 explica esta situação *“Olha com uma cara de tipo...bue estranha. Como “se fosse a minha filha” e não sei o quê. Depois ficam a olhar muito quando estamos no comboio a ir para a escola. Ficam a olhar muito e a pensar “olha uma criança com um bebé”, “olha duas crianças”. Às vezes dá vontade de perguntar “o que é que foi?” não é?. Porque olham com aquela cara...Fico às vezes irritada. São mais os homens, as mulheres são poucas.”* Moreira, Viana, Queiroz e Jorge (2008) referem que o papel da adolescente está carregada com “cobrança social”. Num estudo que conduziram as adolescentes afirmam que existe um julgamento social da sociedade e uma associação “pré-estabelecida” em que julgam uma mulher que tenha um filho antes do casamento. Existe uma dificuldade em deixarem de ver o sujeito como membro, da sociedade, “cuidador” para passar a ser o “cuidado”. Olham para estas mães como se fossem irresponsáveis e incapazes de cuidar de um bebé. As participantes deste estudo afirmam mesmo que a “camada mais velha” olha para elas como se fosse “uma criança a tomar conta de outra criança”.

Por último, temos o constituinte “**Diferenciação da Experiência**”. Todas as mães referem que existem diferenças entre ser “mãe adolescente” e ser “mãe adulta”. Apesar de não existir, no Enquadramento Teórico, informação que confronte diretamente as diferenças, conseguimos encontrar aquilo que as mães explicam como sendo os desafios de uma mãe adolescente. No caso da P1 ela afirma: *“Por um lado ser mãe é ser mãe, né? Aqui não há grande diferença. Mas em questão de adolescente acaba por ser diferente para nós porque somos mães adolescentes e priva-nos um bocado à nossa adolescência, acabamos por perder algumas coisas. Não podemos sair tanto e fazer tantas coisas porque temos umas filha.”*. No estudo de Hanna (2001) ela chega às mesmas conclusões: Apesar da gravidez alterar a vida das participantes e de a tornar mais positiva, apresenta algumas dificuldades como “perder” experiências que as outras adolescente podem vivenciar e ter que reduzir as saídas com os amigos a fim de tomarem conta dos seus filhos.

Para a P2 *“As condições são a grande diferença. Tu sendo adulta já tens as tuas coisas, não dependes de ninguém. Tens o teu trabalho, a tua casa, sabes que no final do mês tens aquele dinheiro,. Nós como estudantes não temos orçamentos familiares, não trabalhamos. Sabemos que ao final do mês temos 400 euros para fraldas e assim. Não temos o que gerir, está a ver? Quer dizer, existem os abonos. Mas eu não os recebo.”* Oliveira e Queiroz (2008), apontam as dificuldades financeiras como sendo das maiores dificuldades da maternidade na adolescente. O facto de ainda dependerem das famílias e de ainda estudarem faz com que seja mais difícil sustentarem os seus filhos e de projetarem o futuro. É a grande diferença que P2 aponta quando comparando a sua experiência com a experiência de uma “mãe adulta”.

P3 diz que a grande diferença entre a sua experiência e a de uma mãe mais velha é, também, a independência. Quer seja dependência financeira, quer seja dependência face à sua rede de suporte, a verdade é que sendo mais nova precisa de toda a ajuda para terminar os estudos e poder trabalhar. Acrescenta que para ser “mãe” os factores responsabilidade e maturidade são determinantes, não interessa a idade em que se é mãe, mas sim a sua capacidade para o ser. Por último, a P4 foca também a independência. Afirma que as mães mais velhas têm a “sorte” de não ter que continuar a estudar.

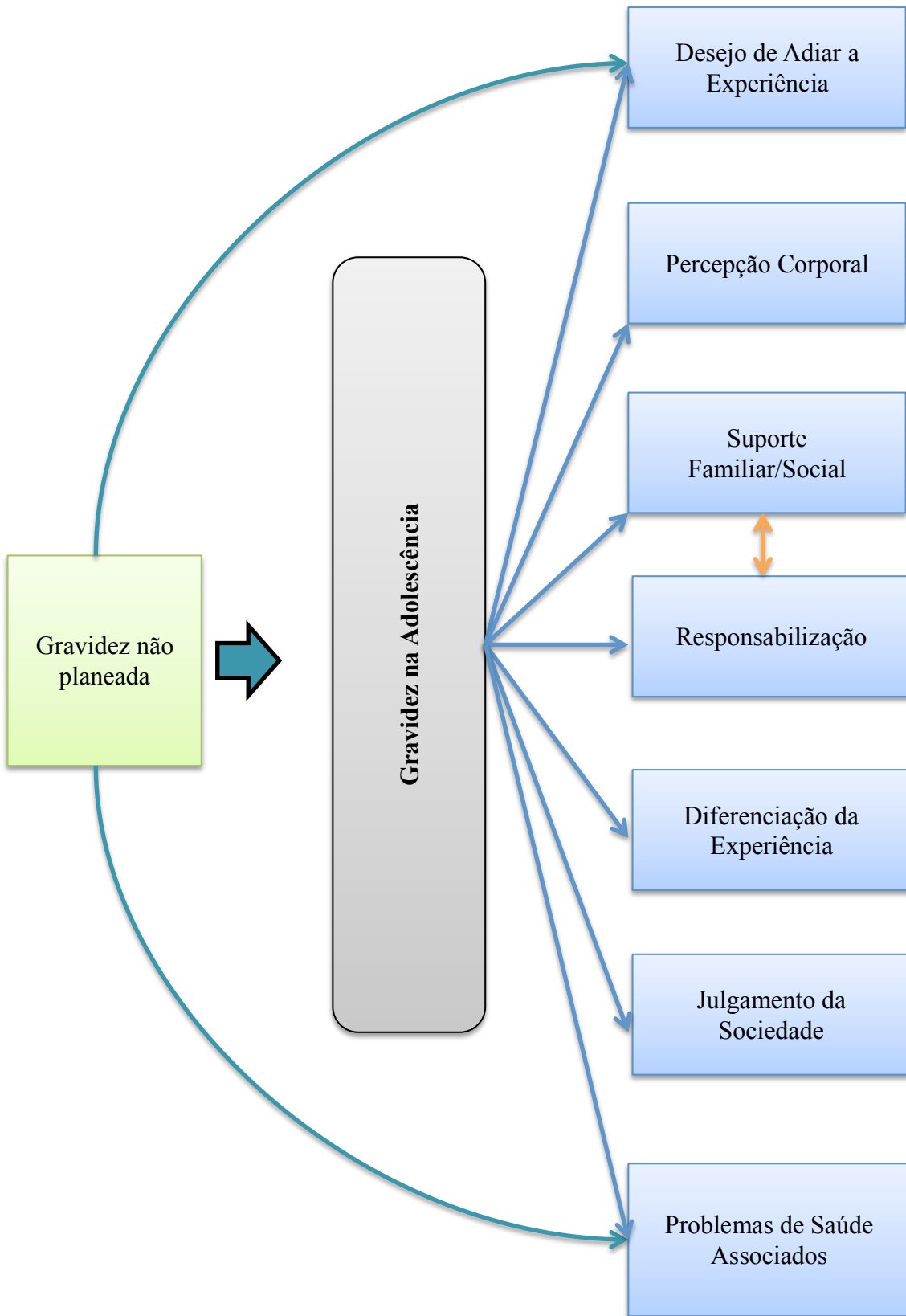


Figura 2. Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência da Maternidade em Mães Adolescentes

5.2. Conclusão

O estudo fenomenológico da Experiência da Maternidade em Mães adolescentes revelou-se bastante complexo e exploratório de diferentes dimensões daquilo que a “maternidade” representa para os sujeitos e a forma como a vivenciaram. O estudo foca a experiência de quatro adolescentes ,percebendo como acontece a gravidez, como é que elas lidam com esta notícia, como se relaciona com o mundo, e como é que a gravidez veio alterar as suas vidas. Percebemos que apesar de existirem constituintes que variam de experiência para experiência (uma vez que não existem duas experiências iguais) conseguimos encontrar uma estrutura que se verifica em todos os casos. São quatro participantes muito diferentes na forma como se pensam, pensam o mundo e os outros e como percebem aquilo que vivem, mas encontramos em todas elas uma linha contínua daquilo que é “ser mãe”.

A relevância deste estudo prende-se com a recolha rica e qualitativa que é feita através das entrevistas aplicadas. Dá-nos uma perspectiva subjetiva aprofundada daquela que é a experiência da maternidade para estas participantes. Percebemos que ser mãe nesta fase crítica do desenvolvimento vem acompanhado de diferentes desafios e dificuldades. No entanto, é uma experiência positiva porque provoca uma mudança na vida daquelas que a experienciaram: ganham novos objectivos, procuram ser independentes, dar um futuro aos seus filhos e assumem responsabilidades associadas a este novo papel.

Os resultados e conclusões deste estudo possibilitam, à comunidade científica, ficar mais próxima daquela que é a experiência da maternidade para as adolescentes.

5.3. Limitações do Estudo

Após a realização do estudo, é possível encontrar algumas limitações. Limitações essas que podem gerar novas propostas de Investigação, como veremos mais à frente.

Como primeira limitação temos o facto de a amostra apenas compreender quatro participantes. Apesar de termos encontramos Constituintes Essenciais fortes, com uma

amostra pequena torna-se impossível fazer uma generalização ou universalização dos resultados obtidos.

Outra limitação que existiu foi a dificuldade que algumas das participantes tiveram em expressar-se. Sendo um assunto mais sensível, que refere questões como a sexualidade e as relações sociais, fez com que existisse alguma resistência em certas perguntas.

Outra limitação, e uma vez que é um estudo fenomenológico, é a própria análise dos dados recebidos e a análise de todas as possibilidades em relação a esta problemática. Apesar de ter sido feito um esforço para englobar o maior número de possibilidades, há sempre espaço para novas abordagens e novas investigações sobre o tema.

5.4 Potenciais e Propostas de Investigação

O tema “adolescência” e “gravidez”, assim como as duas conjugadas, são sem dúvida temas muito abordados. No entanto, com este estudo percebemos que ainda existem áreas a serem exploradas.

Para começar, seria interessante recolher uma amostra maior, de forma a podermos partir para generalizações. Assim teríamos um estudo fenomenológico sobre a situação da maternidade para mães adolescentes, em Portugal.

Outro estudo a ser feito seria aprofundar as relações que as adolescentes mantêm com os parceiros e a dinâmica das mesmas. Passarmos a ter, também, a perspectiva do “homem” neste fenómeno.

Seria também interessante fazer um estudo qualitativa longitudinal, focando estas problemáticas. Perceber se todos os planos de futuro se concretizaram: acabar os estudos, trabalhar, ter independência.

Por último, apesar de a amostra se revelar diversificada em termos de dados sociodemográficos (idade em que foi mãe, idade do filho, ano de escolaridade), aumentado a amostra, poderíamos procurar maior diversificação aumentando a diferença de idades entre as participantes bem como o extracto social em que se inserem.

6. Referências Bibliográficas

- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z. D., & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre. Vol. 11, n. 3 (1998), p. 431-440.
- Bauman, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Beers, L. A. S., & Hollo, R. E. (2009). Approaching the adolescent-headed family: A review of teen parenting. *Current problems in pediatric and adolescent health care*, 39(9), 216-233.
- Braga, K. S. (2007). Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *Métodos para pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 17-38.
- Bunting, L., & McAuley, C. (2004). Research review: Teenage pregnancy and motherhood: The contribution of support. *Child & Family Social Work*, 9(2), 207-215.
- Burns, V. E. (1999). Factors influencing teenage mothers' participation in unprotected sex. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 28(5), 493-500.
- Caldwell, C. H., Antonucci, T. C., Jackson, J. S., Wolford, M. L., & Osofsky, J. D. (1997). Perceptions of parental support and depressive symptomatology among black and white adolescent mothers. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 5(3), 173-183.
- Cano, M. A. T., Ferriani, M. D. G. C., & Gomes, R. (2000). Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 8(2), 18-24.
- Cavalcanti, A. P. L. S., Zeni, A. P., Pinheiro, E. B., Pessoa, F. P. L. S., & Barbosa, E. M. S. (2000). Aspectos psicossociais de adolescentes gestantes atendidas em um serviço

público da cidade do Recife. *Ramos FRS, Pereira SM, Rocha CRM. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn, 112-8.*

Dawkins, J. (1965). Puberty and adolescence. *British medical journal*, 2(5460), 523.

Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (2000). *Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes*. Universidad Federal do Rio Grande do Sul.

Donalek, J. G., & Soldwisch, S. (2004). An introduction to qualitative research methods. *Urologic Nursing*, 24(4), 354.

Eisenstein E. Atraso puberal e desnutrição crônica. 1999. Tese de Doutorado – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1968)

Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, (32), 141-162.

Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.

Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological psychology*, 43(1), 3-12.

Giorgi & Sousa. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.

Godinho, R. A., Schelp, J. R. B., Parada, C. M. G. L., & Bertoncello, N. M. F. (2000). Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio. *Revista latino-americana de Enfermagem*, 8(2), 25-32.

- Hanna, B. (2001). Negotiating motherhood: the struggles of teenage mothers. *Journal of advanced nursing*, 34(4), 456-464.
- Jorge, M. S. B., Fiúza, G. V., & Queiroz, M. V. O. (2006). Existential phenomenology as a possibility to understand pregnancy experiences in teenagers. *Revista latino-americana de enfermagem*, 14(6), 907-914.
- Justo, J. (2000). Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só. *Revista portuguesa de psicossomática*, 2(2), 97-147.
- Kassar, S. B., Lima, M. D. C., Albuquerque, M. D. F. M. D., Barbieri, M. A., & Gurgel, R. Q. (2006). Comparações das condições socioeconômicas e reprodutivas entre mães adolescentes e adultas jovens em três maternidades públicas de Maceió, Brasil. *Rev. bras. saúde matern. infant*, 397-403.
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Pearson Education.
- Lírio, L. (2012) CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1675-1688
- Martins, J., Boemer, M. R., & Ferraz, C. A. (1990). A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 24(1), 139-147.
- Matsuhashi, Y., & Felice, M. E. (1991). Adolescent body image during pregnancy. *Journal of adolescent health*, 12(4), 313-315.
- Miller, B. C., Benson, B., & Galbraith, K. A. (2001). Family relationships and adolescent pregnancy risk: A research synthesis. *Developmental review*, 21(1), 1-38.

- Moreira, T. M. M., Viana, D. D. S., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev Esc Enferm USP*, 42(2), 312-20.
- Muuss, R. (1976). *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte. Interlivros.
- Neinstein, L. S., Rabinovitz, S., & Schneir, A. (1991). Teenage pregnancy. Em L. S. Neinstein (Org.), *Adolescent health care: A practical guide* (pp. 561-573). Baltimore: Urban & Schwarzenberg.
- Oberlander, S. E., Shebl, F. M., Magder, L. S., & Black, M. M. (2009). Adolescent mothers leaving multigenerational households. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38(1), 62-74.
- Oliveira, R. C. (2008). Adolescência, gravidez e maternidade: A percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde e Sociedade*, 17(4), 93-102.
- Oliveira Rangel, D. L., & Queiroz, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(4), 780-788.
- Papalia, E. D; OLDS, W. S. *Desenvolvimento Humano*. 7 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- Ponterotto, J. G. (2005). Qualitative research in counseling psychology: A primer on research paradigms and philosophy of science. *Journal of counseling psychology*, 52(2), 126.
- Rodrigues, R. M. (2010). Gravidez na adolescência. *Nascer e Crescer*, 19(3), 201-201.
- Roye, C. F., & Balk, S. J. (1996). The relationship of partner support to outcomes for teenage mothers and their children: A review. *Journal of Adolescent Health*, 19(2), 86-93.
- Seamark, C. J., & Lings, P. (2004). Positive experiences of teenage motherhood: a qualitative study. *Br J Gen Pract*, 54(508), 813-818.

- Silveira, D. T., & Córdova, F. P. (2009). Unidade 2—A pesquisa científica. *Métodos de pesquisa*, 31-42.
- Smith, P. B., Weinman, M. L., & Mumford, D. M. (1982). Social and affective factors associated with adolescent pregnancy. *Journal of School Health*, 52(2), 90-93.
- Tanner JM. Growth at Adolescence. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1962
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1998). Working with data: data analysis in qualitative research. *Introduction to qualitative research methods*, 3, 134-163.
- Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2004). Quando termina a adolescência? *Perspectiva (Erexim)*, 28, 7-15.
- Teixeira, M. A. P. & Dias, A. C. G. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, 20(45), 123-131.
- Toledo-Dreves, V., Zabin, L. S., & Emerson, M. R. (1995). Durations of adolescent sexual relationships before and after conception. *Journal of Adolescent Health*, 17(3), 163-172.
- Tripp, J., & Viner, R. (2005). Sexual health, contraception, and teenage pregnancy. *ABC of Adolescence*, 98, 22.
- Yazlle, M. E. H. D., Mendes, M. C., Patta, M. C., Rocha, J. S. Y., Azevedo, G. D., & Marcolin, A. C. (2002). A adolescente grávida: alguns indicadores sociais. *Rev Bras Ginecol Obstet*, 24(9).

7 - Anexos

Anexo A- Guião Entrevista

Dados Sociodemográficos

Nome:

Idade:

Idade Filho:

Profissão:

Ano de Escolaridade:

Estado Civil:

1. Descreva a sua experiência enquanto mãe adolescente
2. Como era a tua vida antes de engravidar? Como era a tua experiência enquanto adolescente?
3. Como aconteceu a gravidez?
4. Como descobriste que estavas grávida?
5. Como te sentiste quando descobriste que estavas grávida?
6. Como contaste ao pai?
7. Como foi estar grávida?
8. Como experienciaste o teu corpo?
9. Como foi a experiência na escola?
10. Como é a tua experiência social?
11. Como é que a sociedade olha para as mães adolescentes? Qual é a tua experiência?
12. Qual a diferença entre mãe adolescente e mãe adulta?

Anexo B - Consentimento Informado

Consentimento Informado

Eu, _____, aceito participar no estudo sobre a “Experiência da Gravidez em Mães Adolescentes” da aluna Carolina Cardoso (aluna do ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), orientada pelo Professor Vítor Amorim Rodrigues (Professor do ISPA), no âmbito da cadeira de Seminário de Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Tomei conhecimento das condições e da forma de aplicação do questionário em questão. Fui informado/a dos objectivos desta recolha. Poderá ser utilizada, de forma anónima, na tese de Mestrado da investigadora.

A participação é voluntária, anónima e gratuita. Poderei interromper a minha participação se assim o desejar, sem sofrer qualquer tipo de penalização. O estudo em questão não implica danos físicos ou psicológicos.

(Assinatura do/a participante)

(Assinatura do/a investigador/a)

Data:

Anexo C – Entrevista Participante 1

Unidade de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>Q: Descreva a sua experiência enquanto mãe adolescente</p> <p>R: Foi boa! Recomendase (risos). Não, não se recomenda nada. Gostei. Ser mãe adolescente é complicado mas é bom. É complicado porque tens que estudar e tens que levar uma vida de estudante mas ao mesmo tempo uma vida de, já tipo, adulta. Ficas mais responsável. Já com...tens que ter em atenção aquilo que fazes porque tens outra pessoa que está sob a tua responsabilidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser mãe é uma experiência difícil porque existe uma transição entre ser adolescente/estudante sem responsabilidades e passar a ser responsável por outro ser humano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de adaptação • Dificuldade em conjugar responsabilidades de mãe com ser estudante
<p>Q: Como era a tua vida antes de engravidar? Como era a tua experiência enquanto adolescente?</p> <p>R: Saía quase todos os dias. Eu não ia à escola. Agora só falto de manhã, tipo, por causa dos atrasos a apanhar os</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Antes de ser mãe faltava com frequência à escola, não tinha vontade de ir à mesma. Agora só falta ou para tomar conta do filho ou por imprevistos pontuais. Sente responsabilidade já 	<ul style="list-style-type: none"> • Faltava à escola antes de ser mãe • Responsabilidade enquanto mãe adolescente • Respeitosa • Crescimento

<p>autocarros, se adormecer, ou se tiver que ficar com o Lucas. Mas não tenho aquela vontade de faltar como antes. Se fosse preciso, antes, eu ia na escola para assistir a uma aula. Agora não. Agora tenho mais responsabilidade. Antes saía mesmo muito. Não respeitava tanto as pessoas, agora já respeito. Sinto que cresci com a gravidez e com o ser mãe.</p>	<p>não quer faltar. Passou a respeitar mais as pessoas à sua volta e diz que cresceu.</p>	
<p>Q: Como aconteceu a gravidez? R: Não foi planeado. Aconteceu. O pai do meu filho ele...ele nunca foi meu namorado. Tipo era só assim de vez em quando. Isso porque como ele vive na Suíça então ele só vinha aqui de vez em quando. Então, nesses “de vez em quando” acontecia sempre qualquer coisa. Então num desses “de vez em quando” olha aconteceu!</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada em que não foi utilizado qualquer tipo de contraceção. O parceiro é um rapaz que vive na Suíça e vem esporadicamente a Portugal. • Não utilizou contraceção justificando que no momento não se lembrou Considera que a falta de uso é da sua 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada • Relação amorosa esporádica e instável • Gravidez como resultado de esquecimento/irresponsabilidade • Imaturidade face à sexualidade • Consciência da falta de cuidado Adolescente têm informação em relação à sexualidade

<p>Utilizaste algum meio contraceptivo?</p> <p>Não, no momento aquilo tipo... não dá para lembrar isso.</p> <p>Q: Hoje em dia, na tua geração, há informação suficiente?</p> <p>R: Sim, eu acho que sim, temos informação. A falta de informação não pode ser utilizada como desculpa.</p>	<p>responsabilidade e não da falta de informação.</p>	
<p>Q: Como descobriste que estavas grávida?</p> <p>R: Estava grávida desde finais de Novembro. Eu em Dezembro comecei com as manias das dietas porque me sentia mal. Então só comia torradas e bebia chá. O mês de Dezembro todo tive sempre período. Em janeiro a minha mãe, não sei porque, começou a comprar laranjas e eu só bebia chá e torradas e não sei o quê. Quando ela começou a trazer as laranjas eu comia se fosse preciso seis laranjas por</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Descobriu que estava grávida passados 4 meses. A suspeita surge com a quantidade de laranjas que consome e com o aumento do peito, que a mãe alertou. • Fez o primeiro teste e deu negativo. Fez um segundo e deu positivo. Mas aqui mentiu à mãe. Faz o terceiro porque a mãe insiste e já estava de 6 meses. • Mãe e família reagiram bem 	<ul style="list-style-type: none"> • Complexo com o corpo • Negação da gravidez • Evita saber a verdade • Não assumiu a gravidez • Expectativa em relação ao sexo do bebé • Projeção e preparação para uma menina • Desilusão ao perceber que não era menina • Choque (ao confirmar a gravidez) <p>Esperava ser mãe mais tarde</p>

<p>dia e metia assim, antes de ir para a cama, pegava nas laranjas e metia assim tipo no congelador para ficar fresquinha e ia na cama tipo “nham nham”. Depois eu dizia “não, fogo”...A minha mãe viu o meu peito a aumentar e disse “Cristina, tu deves estar grávida” e eu disse “não, não tou”. A gravidez não está a formar-se na barriga mas o meu peito. E ela disse “só podes estar grávida” e eu a dizer “não tou, não tou”. Eu não ligava. Achava que o peito aumentar tinha a ver com o crescimento. Comprava laranjas e mais laranjas, e ela sempre acabava. Eu no meu quarto tinha lá as cascas de laranja mas mesmo assim eu continuava na escola. Em fevereiro fiz anos, fomos no Mc Donalds, comia e não sei quê normal, mas todos os dias tinha que comer laranja. Depois em fevereiro, quando fiz</p>	<p>porque estiveram muito tempo a prever a situação.</p>	
---	--	--

<p>anos, fiz um exame, porque a minha mãe me andava sempre a mandar fazer o exame à urina no centro de saúde. Mas tinha que ser, acordas e é logo o primeiro. Mas eu acordei às seis da manhã, fiz e esqueci-me. Depois quando acordei foi esse que levei e deu tipo negativo. Então mostrei a minha mãe e ela disse que só podia estar mal. Passado um mês foi fazer novamente mas já corretamente. E deu positivo. Mas eu não disse à minha mãe. Já não dava para tirar. Mas também não ia tirar, não é? Só eu e a minha amiga é que sabíamos, como eu lhe mostrei. Mas a minha irmã mais nova, como é atrevida, encontrou o papel em cima da cama e abriu e viu que coiso. Mas não falou nada. Nós as três éramos as únicas que sabíamos. Até que a minha mãe diz “Cristina não pode passar mais, vai</p>		
--	--	--

vai repetir o exame”. E eu numa de que não sabia de nada. Quando voltei à medica ela disse “isto já tem mais que vinte semanas! Ai não sei que não sei que mais, bla bla bla”. Já estava de seis meses e não tinha barriga nenhuma. Até tinha o período. Depois eu cheguei em casa, a minha mãe já estava tipo conformada porque tinham sido muito tempo a dizer que estava com as outras pessoas da família, então ela não ficou chocada. Cheguei em casa e disse “olha mãe estou grávida” ”então eu não te disse, eu sabia?” foi a resposta dela. Não ralhou, não disse nada. Nesse dia pegou e fomos às compras. Eu queria tanto uma menina que eu fui comprar roupa de menina. Uma semana depois, na eco, deu rapaz. Fiquei tão triste. Mas eu, quando estava grávida, batia muito no meu irmão

<p>mais novo e dava-me muito com a minha irmã então a minha mãe disse “Cristina, vai ser menino porque tu és demasiado pegada à tua irmã e bates no teu irmão”. Quando me disseram “é um rapagão” disse para ela.</p> <p>Q: Como te sentiste quando descobriste?</p> <p>R: Naquele momento, quando descobri, fiquei em choque. Era muito nova, sempre pensei em ser mãe lá para os vinte e cinco, quando tivesse a minha casa e o meu carro. Tipo não sei, eu tipo acho que essa informação já me andava a entrar há imenso tempo então não foi aquele grande choque. Gostava que não tivesse sido logo.</p>		
<p>Q: Como contou ao pai?</p> <p>R: Nas normalidades. Conteí quando ele estava lá. Mas não lhe conteí logo. Conteí tipo um mês antes do bebe nascer (risos). Hoje em dia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contou ao progenitor quando ele estava na Suíça, apenas 1 mês antes do bebé nascer. A reação foi boa porque ele já queria ser pai há algum 	<ul style="list-style-type: none"> • Conta um mês antes do filho nascer • Não tem forma de comunicar com ele regularmente • Pai do bebé vem cá trimestralmente

<p>falamos espaçadamente porque eu não tenho forma de falar com ele pelo telefone porque o meu filho partiu. Ele basicamente de três em três meses vem, por acaso já não vem há algum tempo, a ultima vez foi em janeiro, sim ele quando esta ca vai passear com o filho. A nossa relação é como era de antes porque como nunca fomos namorados está tudo igual, não se estragou nada. Continuamos amigos. Quando contei ele reagiu bem. mas ele também tipo já queria ser pai mas é tipo mais velho, tem 24 anos. Ficou contente. Com seis meses já o queria levar para passar o natal. Mas eu não deixei. Meu filho. fica comigo.</p>	<p>tempo. A relação deles mantem-se. Ele vem a Portugal esporadicamente e passeia com o filho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relação mantem-se igual • São amigos • Reagiu bem. Já queria ser pai há algum tempo <p>Não permite que o filho vá para longe dela</p>
<p>Q: Como foi estar grávida? R: Eu estava mais gostosa como mulher grávida do que estou</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentia-se bonita fisicamente, enquanto grávida. Mas andava muito cansada devido à 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção corporal positiva • Aumento de autoestima • Cansaço

<p>agora, porque eu grávida estava normal mas com uma barriguinha bué grande que cresceu no ultimo mês. Tipo gostei. Tipo ficava muito cansada. Como descobri aos seis meses acabei por nem tomar o ferro, então sentia-me mal. E eu moro no quinto andar, e no verão ficou sem elevador. Ficava bué cansada.</p>	<p>falta de vitaminas.</p>	
<p>Q: Como experienciaste o teu corpo? R: Por acaso não sei. Olha não sei mesmo. Por acaso fui uma grávida triste, eu tipo já não me arranjava. Só se fosse para ir em ocasiões especiais. Mas no meu próximo filho já quero tipo tar uma grávida mais sexy. Eu antes acordava de manhã e tirava uma roupa do roupeiro só para ficar vestida e tipo assim. Isto porque estava grávida e eu gostava de me vestir bem. E quando estava grávida deixei de</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentia-se triste e sem vontade para se arranjar. Mas diz que a próxima gravidez vai ser diferente, vai ser mais feliz e vai arranjar-se. Saía pouco de casa, o que mudou quando voltou para a escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tristeza • Falta de investimento pessoal • Desmotivação • Ambiguidade • Projeção do futuro

<p>ter motivo, sentia-me prendida. Também mal saia de casa, saia para ir ao continente e assim. Mas depois comecei a ir à escola.</p>		
<p>Q: Como foi a experiência na escola? R: Nada mudou. Só parei de fazer educação física no segundo período. Mas eu era muito boa no primeiro. Mas depois só ficava sentada. A professora perguntava “Cristina nao vais fazer a aula” e eu so dizia “nao nao nao”. Nunca contei as professores que estava grávida. No segundo período ainda passei porque a professora sabia que eu sabia fazer as coisas. Mas no terceiro ela disse que eu ia chumbar e eu não podia porque já tinha nega a Francês, tinha 1 porque não ia às aulas e aos testes, mesmo sendo boa aluna. Então se</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A experiência na escola manteve-se igual. Só mudou em educação física porque deixou de fazer as aulas. Foi contando às colegas que estava grávida e todas reagiram de forma positiva. Não aparentava estar grávida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação • Não quer atenção centralizada na sua gravidez • Discreta <p>Poucas relações próximas</p>

<p>chumbasse a EF chumbava de ano. Então decidi contar à professora. Ele fez granda escândalo (risos) mas depois deu-me um três. Depois contei a duas ou três colegas branquinhas (risos) em que eu disse nelas que estava grávida. E fui contando as restantes ao longo do ano. Mas só as raparigas. Elas ficaram bue contentens. Mas os professores ninguém notou. Eu também usava roupas largas.</p>		
<p>Q: Como é a tua experiencia social?</p> <p>R: Com os meus amigos eu afastei-me mais deles porque, amigos não, amigas, porque saíamos muito para festas e sítios. Mas como estava grávida, elas continuaram a chamar, mas eu nao me sentia em condições para ir. Nao estava apta. Então</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não considera as amigas que têm como mais do que amigas para irem a festas. Afasta-se delas quando sabe da gravidez porque deixa de ir. Mas elas continuam a convidar. Mesmo depois de o L nascer continuou sem 	<ul style="list-style-type: none"> • Afastamento social • Desmotivação • Cansaço • Incapacidade de sair <p>Priorização da maternidade</p>

<p>acabei por afastar essas amizades. Até mesmo quando o L nasceu perdi a vontade de sair. Desde que tive o L só saí duas vezes. Mas planeio sair esse sábado porque o L já está a ficar crescido para ficar sem mim.</p>	<p>vontade. Agora planeia voltar a sair, mas em moderação</p>	
<p>Q: Como é que a sociedade olha para as mães adolescentes? Qual é a tua experiência?</p> <p>R: Eu acho que eu como grávida não parecia tanto uma adolescente. As pessoas podiam me ver na rua e só aquelas que me conheciam mesmo é que coíso. Porque sempre me deram mais idade. Até pela forma como me visto. Nunca gostei de vestir à menininha, cor-de-rosa e essas palhaçadas... sempre gostei de vestir mais à senhora, uma sabrininha, umas calças de ganga e uma blusinha. Tipo eu acho que não se</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não aparenta ser adolescente por isso nunca sofreu com julgamento da sociedade. <p>Mas quando sabem a idade encaram-na como irresponsável</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não aparenta a idade que tem <p>Só sofre julgamento quando sabem a idade dela</p>

<p>aperceberam tanto que eu era jovem. Avançam sempre a minha idade. Mas basta alguém que não nos conhece perceber que somos novas para terem logo uma opinião má sobre nós...como se fosse irresponsável.</p>		
<p>Q: Qual a diferença entre mãe adolescente e mãe adulta?</p> <p>R: As condições são a grande diferença. Tu sendo adulta já tens as tuas coisas, não dependes de ninguém. Tens o teu trabalho, a tua casa, sabes que no final do mês tens aquele dinheiro,. Nós como estudantes não temos orçamentos familiares, não trabalhamos. Sabemos que ao final do mês temos 400 euros para fraldas e assim. Não temos o que gerir, está a ver? Quer dizer, existem os abonos. Mas eu não os recebo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A grande diferença são as condições. A mãe adulta é mais independente e tem um orçamento para gerir. Mãe adolescente passa dificuldades em gerir um dinheiro que tem 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de condições • Dificuldade económicas

Anexo D – Entrevista Participante 2

Unidade de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>Q: Descreva a sua experiência enquanto mãe adolescente</p> <p>R: Às vezes não é fácil, porque temos as responsabilidades de uma mãe normal e ainda temos que acabar os estudos para poder trabalhar e ter a nossa independência. Se eu pudesse gostava de já ter a minha casinha com a minha filha e o meu namorado mas ainda não posso. Tenho mais responsabilidade e sinto que cresci mais rápido, né? Nós, mães adolescentes, temos que olhar mais para o futuro e não nos preocuparmos só com saídas e diversão. Temos que crescer e temos que andar para darmos uma boa vida aos nossos filhos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser mãe adolescente apresenta uma dificuldade extra porque acrescenta às responsabilidades de uma “mãe normal” a responsabilidade de acabar os estudos. • É difícil porque ainda não existe independência, mesmo que seja a vontade. • Sente que o crescimento é mais rápido devido às diferentes circunstâncias. • Ser mãe adolescente representa crescimento, e investimento no futuro. 	<ul style="list-style-type: none"> • “mãe adolescente” como uma experiência difícil por ter responsabilidades acrescidas • Necessidade de acabar os estudos para ter independência e ter uma casa • Desejo de já ser independente e autónoma • Sente que cresceu mais rápido por ser “mãe adolescente” • Necessidade de olhar para o futuro de forma a providenciar uma boa vida aos filhos • Preocupações para além de saídas e diversão
<p>Q: Como era a tua vida antes de engravidar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Frequentava a escola normalmente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre frequentou a escola

<p>Como era a tua experiência enquanto adolescente?</p> <p>R: Eu ia à escola. Saía mais com os amigos e quase não estava em casa (risos) não parava em casa. Acabava por me divertir mais em questão do saídas de...tudo. Fazia de tudo um pouco. Depois descobri que estava grávida e tudo mudou...foi um choque. Mas mudou tudo, né? Não posso sair tanto, não posso passar tempo fora de casa.. tenho uma pessoa à minha responsabilidade. Mas tenho que gerir a minha vida, vá, consoante a minha filha. Tenho mais responsabilidade. Porque não posso fazer tudo o que quero. Às vezes o que eu quero, como sair até tarde com os meus amigos, não dá para ela.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Socialmente era muito ativa. Saía com muita frequência com os amigos, acabando por se divertir mais. • A gravidez representou um choque e alterou a sua vida social. Deixou de poder sair tanto ou passar tanto tempo fora de casa. Tem uma pessoa à sua responsabilidade e que define os moldes da sua vida. Existe incompatibilidade entre a sua vontade e ter uma filha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vida social extremamente activa antes de ser mãe (muitas saídas, raramente estava em casa) • Tinha muitas experiências que acabaram/mudaram ao ser mãe • Gravidez como um choque e como ponto de mudança na sua vida • Impossibilidade de sair ou estar longos períodos fora de casa • Gere a vida consoante as necessidades da filha • Incompatibilidade entre o seu desejo de sair e responsabilidade em relação à filha.
<p>Q: Como aconteceu a gravidez?</p> <p>R: Não foi uma gravidez planeada. Estávamos a planear mas não para agora.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A gravidez aconteceu sem planeamento. Refere que naquele dia se “esqueceram” de usar preservativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada • Já falavam disso, mas para o futuro • Naquele dia não

<p>Naquele dia não utilizamos nenhum preservativo...aconteceu. foi um descuido da nossa parte. Estamos naquele momento e não pensámos bem naquela que poderia ser a consequência. Nunca pensamos que nos pode acontecer a nós (risos).</p> <p>Q: Hoje em dia, na tua geração, há informação suficiente?</p> <p>R: Sim. Não podemos mesmo dizer que há falta de informação para as pessoas da minha idade. Principalmente em Portugal. Quantas vezes eu na escola, eu..pelo menos uma vez por ano iam à escola informar e fazer coisas com os powerpoints e explicar tudo. Por isso nunca é falta de informação. Não há falta de informação à falta de descuido (risos).</p>	<p>Só planeavam para um futuro mais longínquo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • No momento não pensaram existir consequências para as suas ações, não pensaram que lhe poderia acontecer a eles. • A sua geração é bastante informada. Essa não pode ser apontada como a causa da falta de uso de métodos contraceptivos. Na escola, anualmente, existem apresentações e esclarecimento de dúvidas. • Acontece por falta de cuidado 	<p>utilizaram preservativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descuido • Não pensaram nas consequências • É algo que só acontece aos outros • É uma pessoa informada • Existe muita informação na sua geração • A causa não é falta de informação, é falta de cuidado.
<p>Q: Como descobriste que estavas grávida?</p> <p>R: Foi um choque no momento. De certo modo já sabia há algum tempo. Do</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apesar do choque da confirmação a P já desconfiava há alguma tempo. Pessoas próximas 	<ul style="list-style-type: none"> • Choque na confirmação • Suspeita da família • Alteração do corpo <ul style="list-style-type: none"> • Membros mais

<p>nada as minhas roupas começaram a ficar mais apertadas, estava mais inchada, mas nunca suspeitei que fosse isso. Mas tanto a minha melhor amiga como o meu namorado suspeitavam. Estavam sempre a dizer que eu estava grávida. Agora olho para as fotografias e percebo (risos). Não estava à espera. Só me comecei a sentir mais calma quando recebi o apoio das pessoas. Aí comecei a sentir bem. Estava feliz ao mesmo tempo, mas ao mesmo tempo estava preocupada porque não sabia o que ia sair dali para a frente. E pronto. Foi assim</p>	<p>diziam que ela estava grávida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas mesmo com a roupa a apertar e com o inchaço ela não suspeitava. • Sentiu-se mais tranquila com o apoio das pessoas. • Estava feliz mas preocupada ao mesmo tempo com as possibilidades do futuro. 	<p>próximos suspeitavam</p> <ul style="list-style-type: none"> • Só se acalma com o apoio da sua rede • Começa a sentir-me bem • Felicidade • Preocupação com o futuro
<p>Q: Como reagiu o pai? R: Nós já estávamos numa relação normal há algum tempo. Era uma relação em que íamos estando um com o outro, de vez em quando. Não estávamos sempre juntos porque moramos longe um do outro. Mas estamos sempre juntos quando podemos. Pelo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relação estável com o pai da filha. Em que estão juntos de forma continuada. • Não estão sempre juntos porque vivem em sítios diferentes. Fazem-no sempre que podem. • Reagiu de forma muito positiva, 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação estável com o companheiro • Estão juntos com alguma frequência • A distância é o que não permite estarem sempre juntos • Reagiu muito bem à notícia. • Revela ansiedade (aqui como algo

<p>menos duas a três vezes por semana. Tínhamos contacto e estava tudo bem entre nós. Quando lhe contei ele tava super feliz. Nesse momento em que lhe contei tava mais que eu. Estava mesmo feliz. Porque ele...ele estava mais ansioso que eu. Porque eu nem sonhava que estava grávida e ele dizia que sabia. Então quando eu lhe contei ele disse “eu disse-te eu disse-te!”(risos). Ele reagiu mesmo bem, o que me deu alguma força. Acho que se ele reagisse mal tinha sido muito complicado para mim.</p>	<p>estando mais feliz que a P. Ele estava mais ansioso porque já suspeitava.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para além de reagir bem, deu força à P. Se fosse ao contrário teria sido mais complicado para a P. 	<p>positivo) porque já suspeitava</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estava muito feliz • A reação positiva deu muita força à P. • Se a reacção fosse negativa teria sido difícil para ela.
<p>Q: Como era a vossa relação? Como é que experiencias agora?</p> <p>R: Mudou tudo (risos) Mudou mesmo tudo. Agora já estamos à procura de casa, ele já está a trabalhar...estamos à procura de tudo! A nossa relação ficou mais séria e tudo. Ainda temos as nossas brigas, como um casal normal não é? O J continua a gostar de ir sair e ainda</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A relação mudou muito. Neste momento já procuram casa, e trabalho. • A relação tornou-se mais séria. • Continuam a ter as suas discussões ditas “normais” de casal. • Apesar de ele continuar a gostar de sair e de moraram longe um do outro, a relação mudou. 	<ul style="list-style-type: none"> • A relação sofreu mudanças • Estão os dois a projectar o futuro, a procurar casa, a procurar emprego.. • Relação mais séria • Continuam a ter discussões que ela considera normais num casal • Companheiro gosta de sair • Sente ciúmes, porque

<p>moramos longe um do outro. Às vezes tenho alguns ciúmes porque ele é mulherengo e gosta da atenção quando sai. Mas está diferente. No início do ano até me pediu em casamento (risos). Mas ainda sou muito nova, tenho que pelo menos fazer 18 anos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sente ciúmes porque quando ele sai gosta da atenção feminina. • Ele pediu-a em casamento, mas ela diz ser muito nova para casar. Tem que pelo menos ser maior de idade 	<p>ele gosta da atenção feminina.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foi pedida em casamento, mas acha que com 17 tem que pelo menos esperar pelos 18.
<p>Q: Como reagiu a tua família?</p> <p>R: Sinceramente eu estava à espera de reacções piores. Estava com muito medo de lhes contar. Principalmente da parte dos meus pais. Mas eles até reagiram melhor do que eu estava a contar. Eles também não esperavam, e claro, também pela minha idade, ficaram preocupados com a forma como iria tomar conta e ter forma de cuidar da minha filha. Mas nunca me fizeram sentir mal ou foram contra eu ter o bebé. Estão do meu lado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A reacção foi mais positiva daquilo que ela estava à espera. Tinha medo da reacção, principalmente a dos pais. Mas correu bem. • Eles não estavam à espera e a idade da P preocupou-os, pois não sabiam como é que ela ia tomar conta da filha. • Nunca a fizeram sentir mal ou estiveram contra a gravidez 	<ul style="list-style-type: none"> • Reacções positivas, ao contrário daquilo que P esperava • Medo de lhes contar • Surpresa da reacção dos pais • Preocupação dos pais, de como iria tomar conta da filha tendo aquela idade • Apoio da gravidez
<p>Q: Como te sentias como mulher grávida?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teve uma gravidez de risco e os primeiros 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez de risco • Complicação nos

<p>R: Os primeiros meses foram complicados. Complicados de gravidez memo, era uma gravidez de risco. Mas repousei de depois foi muito mais tranquilo. Já me sentia com mais força. Ser mulher grávida foi estranho. Nos primeiros meses, como a barriga não parece bem barriga de grávida, eu na minha opinião sentia-me gorda. Eu pensava “fogo as pessoas vão pensar...fogo” é que não parecia mesmo. Oh mas depois à medida que o tempo...a barriga vai moldando e crescendo, eu pelo menos, sentia-me memo bonita. Sentia-me bue...parecia a pessoa mais bonita do mundo.</p>	<p>meses foram mais difíceis por isso. Ao repousar a situação tornou-se mais fácil e tinha mais força</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estranhou a barriga, como não parecia barriga de grávida sentia-se gorda. • Pensava que as pessoas iam achar que estava gorda. • À medida que a barriga vai crescendo começou a sentir-se bonita. 	<p>primeiros meses</p> <ul style="list-style-type: none"> • Repousa e reganha forças • Inicialmente sente-se gorda porque a barriga ainda não estava grande • Pensava naquilo que as pessoas poderiam achar • Quando a barriga cresce diz que se sentiu a “pessoa mais bonita do mundo”.
<p>Q: Como experienciaste o teu corpo? R: Antes de estar grávida o meu corpo era normal, não tinha assim grandes coisas. Sempre tive aqueles complexos...acho que normais. Não gostava do meu corpo. Mas depois da</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tinha uma estrutura normal e só tinha aqueles complexos que diz serem normais. • Não gostava do seu corpo, mas com a gravidez aprendeu a ama-lo 	<ul style="list-style-type: none"> • Complexos com o corpo • Não gostava do corpo • Gravidez faz com que passe a “amar” o seu corpo. • As marcas representam o nascimento da filha

<p>gravidez, principalmente durante a gravidez, foi quando aprendi a amar o meu corpo como ele é e agora, principalmente agora que tenho marcas da gravidez, não me preocupo com elas. Não me preocupo porque sei que foi do nascimento da minha filha e elas têm valor por isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gosta das marcas da gravidez porque estas surgem com o nascimento da filha e têm valor por isso. 	<p>por isso gosta delas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Marcas com valor por serem símbolo de gravidez.
<p>Q: Como foi a tua experiência escolar? R: Não houve reação porque quando as pessoas descobriram que eu estava grávida eu já não estava na escola. Não pude continuar na escola porque ir para lá, ir para aquela escola...como é que eu hei de explicar?... era um trajeto muito complicado, para uma pessoa grávida andar, principalmente eu com gravidez de risco...podia perder a criança a qualquer momento. Tive nove meses sem ir à escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não consegue descrever a reação porque quando se soube que ela estava grávida a P já não frequentava a escola, devido à gravidez de risco e ao caminho que tinha que percorrer para chegar lá. • O percurso poderia fazer com que perdesse o bebé. • Esteve 9 meses sem ir à escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fica ausente da escola os 9 meses da gravidez • Gravidez de risco, por isso não se pode deslocar naquele trajeto • As pessoas só souberam da sua gravidez quando já não ia às aulas • Poderia perder a criança se fizesse aquele percurso.
<p>Q: Como é a tua experiência social?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tinha muitos amigos antes de engravidar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Amigos reduzem-se para menos de metade

<p>R: Sinceramente nem sei. Muitas pessoas que eu considerava amigos deixaram de falar...dos muitos que eu tinha, que nem dava pa contar pelos dedos, agora os que tenho são para aí uns cinco. Eu penso que eles me deixaram de falar porque eu já não posso sair, já não posso estar nos momentos “fixes” deles, por isso não era amizade. Senti-me mal quando aconteceu. Porque para mim eles eram melhores amigos mesmo, era...estávamos sempre juntos, sempre a fazer as coisas juntos e no momento, em questão de amizade, senti-me um bocado desamparada, não sabia a quem me agarrar. E agora tenho do meu lado aqueles que sempre ficaram que são os verdadeiros, não é? E sempre disseram, se queres saber os teus amigos verdadeiros engravida (risos)...a minha mãe sempre disse. E aí deu para ver mesmo. A maior parte abandonaram-nos. É</p>	<p>Agora que foi mae o numero de amigos reduziu drasticamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aponta como causa da separação o facto de já não poder sair como antes. • Mas isso não é o que considera amizade. • Senti-me mal ao perder aqueles que considerava como melhores amigos. Passa de estar sempre com eles para se sentir sozinha. • Aqueles que ficaram são para ela os verdadeiros. • Diz que a mae sempre lhe disse que é na gravidez que se percebe quem são os amigos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Deixaram de falar porque P parou de participar nas actividades sociais • Sente-se desamparada, sem saber com quem contar. • Sente que os verdadeiros amigos permaneceram a seu lado • Mãe diz que é ao engravidar que se percebem os amigos. • Sente que maioria dos amigos nos abandonam • Situação estranha
---	---	--

<p>estranho.</p>		
<p>Q: Como é que a sociedade olha para as mães adolescentes? Qual é a tua experiência?</p> <p>R: Principalmente a geração mais velha olham-nos com um olhar... parece que fizemos algum crime. Pelo menos eu sinto isso. Quando tou na rua com a minha filha e isso...a pessoas ficam a olhar e a pensar “fogo esta aqui não tem responsabilidade nenhuma para ter uma criança” é o que muitos pensam. E eu prefiro às vezes nem olhar para não ficar triste nem magoada. Sinto, dá para sentir. Mesmo não estando a olhar para a pessoa sei que a pessoa está a olhar para mim. Eu consigo sentir e fico super desconfortável. Só me apetece dizer às pessoas as coisas como elas são. Eu dizia que não tem que tar a julgar pelas idades das pessoas, porque a maturidade não se julga pela</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A geração mais velha olha para as mães adolescentes com reprovação. Assumem que a mãe não tem responsabilidade • Prefere não olhar para as pessoas para não ficar magoada com a situação. • Sabe que estão a olhar para ela e isso provoca desconforto. • Tem vontade de explicar que não deve existir julgamento uma vez que não é a idade que define a maturidade. • Não gosta que a julguem porque muitas mães mais velhas não são tão adequadas como as mais novas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade reprova as mães adolescentes • Sociedade julga como se fosse um “crime” • Sente-se desconfortável e triste nestas situações • Pessoas encaram-na como se ela não fosse responsável • Prefere evitar este contacto para não ficar triste e magoada • Sente, mesmo sem interagir • Vontade de confrontar as pessoas e explicar que a responsabilidade e maturidade não estão relacionadas com a idade • Há pessoas mais velhas com menos responsabilidade • Não gosta desta interacção

<p>idade. E elas não sabem a maturidade de cada pessoa. Às vezes há pessoas mais velhas que têm filhos e não têm a maturidade nenhuma e não têm responsabilidade nenhuma sobre os filhos. Por isso...não tem que tar a julgar as pessoas...não gosto.</p>		
<p>Q: Como é a experiência de ser mãe? R: Não dá para explicar. São bues emoções ao mesmo tempo, sempre de um lado para o outro. As emoções que temos de ver o nosso filho a descobrir coisas novas a cada dia que passa, o nosso filho fazer uma coisa nova, ele...é a melhor coisa que pode te acontecer.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É difícil de explicar a experiência porque são muitas emoções ao mesmo tempo. • Ver o seu filho a explorar o mundo, a descobrir coisas novas é a melhor coisa que pode acontecer a uma pessoa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência perto de impossível de explicar • É um turbilhão de emoções • Extremamente emocionante ver o filho a descobrir coisas novas <ul style="list-style-type: none"> • A melhor experiência que pode acontecer a uma pessoa
<p>Q: Qual a diferença entre mãe adolescente e mãe adulta? R: A experiência é e não é diferente. Por um lado ser mãe é ser mãe, né? Aqui não há grande diferença. Mas em questão de adolescente acaba por ser diferente para nós porque somos mães</p>	<ul style="list-style-type: none"> • considera uma experiência diferente. Para as adolescentes acaba por privar de algumas experiências da idade, acaba por perder alguns momentos. • Sai muito menos, mas não se arrepende. 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera uma experiência diferente. • Ser mãe é ser mãe • A diferença está nos adolescentes serem privados de algumas experiências da idade • Não se arrepende • Não esperava nem adiaava

<p>adolescentes e priva-nos um bocado à nossa adolescência, acabamos por perder algumas coisas. Não podemos sair tanto e fazer tantas coisas porque temos umas filha. Mas não me arrependo nada. Se me perguntassem se esperava mais para ter um filho...sim, esperava. Gostava de ter sido mãe só daqui a uns anos (risos) mas se me perguntassem se me arrependo dizia que não. Mas de resto não acho que haja muita diferença.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não adia o ter tido um filho. 	
---	---	--

Anexo E – Entrevista Participante 3

Unidade de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>Q: Descreva a sua experiência enquanto mãe adolescente</p> <p>R: É conciliar o ser adolescente e ser mãe. Temos que pensar no nosso filho. Eu antes queria parar de estudar, desistir da escola, e agora sei que tenho que</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser mãe adolescente é conciliar as responsabilidades de ter um filho com o ser adolescente. • Antes queria terminar os estudos, mas agora sabe que precisa de terminar os mesmos 	<ul style="list-style-type: none"> • Conciliação entre ser mãe e ser adolescente • Pensar no filho • Ser mãe fez com que desistisse dos planos de abandonar a escola • Escola como ferramenta para encontrar um trabalho

<p>acabar. Porque é difícil. Tenho que trabalhar para ter a minha casa e as minhas coisas e para cuidar do meu filho. Tenho mais responsabilidade por isso.</p>	<p>para conseguir um emprego e cuidar do seu filho.</p>	<p>melhor para ter forma de cuidar do seu filho.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade
<p>Q: Como era a tua vida antes de engravidar? Como era a tua experiência enquanto adolescente?</p> <p>R: Era normal, vida de adolescente. Saía muito, ia a festas, sim essas coisas. Não mudou assim tanta coisa. Quer dizer não posso sair, ou melhor, posso sair mas não com a frequência de antes. Sempre que saio tenho que levar ele porque ele ainda mama e essas coisas...ainda é muito dependente de mim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Considera que era a vida normal de adolescente: sair, festas, amigos.. • Não considera que tenha mudado assim tanto. Mudou a frequência com que o faz e o facto de o ter que levar porque ele ainda mama. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiencia normal • Saídas e festas • A única coisa que mudou foi a frequência com que o faz • Filho é dependente porque ainda mama, então ela tem que o levar.
<p>Q: Como aconteceu a gravidez?</p> <p>R: Não foi planeada. Aconteceu (risos) foi do preservativo. Não usámos. Não posso dizer que foi esquecimento...aconteceu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada. • Não utilizaram proteção 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada. • Não utilizaram proteção
<p>Q: Hoje em dia, na tua</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Garante que existe 	<ul style="list-style-type: none"> • Existe informação

<p>geração, há informação suficiente?</p> <p>R: Sim, temos muita informação. Há muita informação nas escolas. Acho que acontecem tantas gravidezes porque as adolescentes não gostam de usar preservativo, essas coisas, dizem que não, gostam de experimentar coisas novas, depois acontece isso. Não foi por falta de informação.</p>	<p>muita informação, principalmente nas escolas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se as gravidezes acontecem é porque os adolescente não querem utilizar métodos contraceptivos. • Pode ser uma forma de experimentar coisas novas 	<ul style="list-style-type: none"> • Escola como fonte de informação • Adolescentes não gostam de usar preservativo • Adolescentes gostam de experiencias novas, daí não usarem.
<p>Q: Como descobriste que estavas grávida? Como te sentiste?</p> <p>R: Eu já desconfiava, mas não queria ter a certeza. Eu fui na farmácia, no dia seguinte, fazer o teste. Descobri aos 3 meses. Nem sei explicar. Fogo...como é que eu vou explicar? Foi um choque, né? Por um lado estava com medo da gravidez, da reação da minha mãe e essas coisas. Como é normal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Já desconfiava que estava grávida mas não queria a confirmação. <p>Quando fez o teste, aos 3 meses, sentiu-se estranha, com medo da gravidez e da reacção da mãe</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desconfiava mas não queria confirmar • Descobre aos 3 meses • Sentiu-se estranha • Medo da gravidez • Medo da reação da mãe • Diz ser o normal nesta situação
<p>Q: Como reagiu o pai?</p> <p>R: Ele já sabia ou já</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pai da criança desconfiava 	<ul style="list-style-type: none"> • Pai já desconfiava • Reagiu com

<p>desconfiava. Eu fui na farmácia fazer o teste e depois lhe contei. Ele ficou normal não me disse para eu ir tirar nem nada, como acontece com algumas pessoas. Ele disse normal e não sei o quê. Falou bem e disse que ia correr bem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teve uma reação normal e nunca lhe pediu um aborto, como acontece noutros casos. • Falaram e ele disse que ia correr bem 	<p>normalidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nunca sugeriu aborto • Falaram e ele apoiou-a.
<p>Q: Como era a vossa relação? Como é que a experiencias agora?</p> <p>R: Sempre foi uma relação muito normal, damo-nos bem e não discutimos muito. Saímos sempre juntos. Agora que somos pais a nossa relação não mudou, quer dizer, temos mais responsabilidades agora.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre tiveram uma relação estável em que se davam bem e não discutiam muito. • A relação não mudou, simplesmente têm mais responsabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação estável, em que se dão bem sem grandes discussões • Nada muda, apenas têm mais responsabilidade como pais.
<p>Q: Como reagiu a tua família?</p> <p>R: Ah ao principio a minha mãe falou muito e tal...no principio foi mau, falou-me e ralhou-me mas depois passou, e começou a ajudar-me a preparar tudo e continuam a ajudar. Não contei a ninguém, eles descobriram. Quem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente a mãe falou com ela e zangou-se, mas com o tempo passou. • Quem descobriu foi a avo que contou à mãe. • Chorou muito • Só descobriu aos 3 meses 	<ul style="list-style-type: none"> • Avó e mãe “falam” muito com ela ao descobrirem • Chorou quando elas descobriram • Descobre aos 3 meses.

<p>descobriu foi a minha avó (risos) porque eu já estava de quatro meses e ela percebeu. Então foi contar à minha mãe. E eu comecei a chorar, elas falaram mesmo muito. Eu só descobri com 3 meses.</p>		
<p>Q: Como te sentias como mulher grávida? R: Sentia-me muito cansada. Fogo, é muito cansativo! Ainda por cima eu tive anemia, né? Então passava o dia a beber água e a tomar comprimidos. Estava tão mal...não é nada bom. De resto foi normal...não tive enjoos nem dores. Correu bem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente sentiu-se muito cansada, até porque teve anemia. Bebia muita água e tomava comprimidos. • A restante gravidez foi mais tranquila, sem enjoos ou dores 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez cansativa devido à anemia, numa fase inicial • Depois estabilizou e não teve mais dores ou enjoos.
<p>Q: Como experienciaste o teu corpo? R: Antes tinha um corpo...bonito! Vá! Tudo no sitio (risos). Quando eu fiquei grávida fiquei gorda! Engordei oito quilos, tipo tinha sessenta e fui para os sessenta e oito. Sentia-me gorda, sentia-me tão gorda...nem saia de casa,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Percepcionava o ser corpo como sendo um corpo bonito, mas ao engravidar passa a sentir-se gorda. • Ao engordar alguns quilos, não quis sair mais de casa, ficava sempre lá. • Com o nascimento do filho voltou a 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepcionava o seu corpo como sendo bonito • Depois sente-se muito gordo • Refugia-se em casa • Ao ser mae, emagrece • Começa a tomar a pílula e volta a engordar • Quer perder “barriga”

<p>queria ficar sempre em casa, não saía...Fui para o hospital quando o C nasceu. Tipo, fiquei magra e depois voltei a engordar. Comecei a tomar a pílula e depois engordei, fiquei com sessenta e três. Que não é o meu peso normal. Acho que agora estou com barriga e quero perder. Achas?!</p>	<p>emagrecer, mas ao começar a tomar a pílula voltou a engordar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ainda quer perder a barriga 	
<p>Q: Como foi a experiência escolar? R: Continuei na escola e a estudar quando descobri. Os meus professores e colegas não sabiam que eu estava grávida. Os meus colegas só souberam quando o C nasceu. Eles não repararam e eu também não queria contar. Não queria que me tratassem de forma diferente ou que me julgasse. Os meus professores só descobriram quando a minha mãe contou, mas nada mudou, eles sempre me trataram bem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Continuou na escola e não contou ao colegas que estava grávida. • As pessoas descobriram quando a mãe dela revelou e quando o filho nasceu. • Não queria um tratamento diferente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Continuidade escolar • Não conta ao colegas • Não quer tratamento diferente
<p>Q: Como é a tua experiência social? R: Eu não contei a muitas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os amigos que considera verdadeiros mantem-se. 	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas amizades mantem-se. • Não sai tanto com os

<p> pessoas, só aos meus amigos próximos e esses continuaram iguais comigo. Antes saía mais e tinha mais amigos. Agora, como ando sempre com o C só aqueles que são mesmo mesmo amigos é que continuam do meu lado. Mas eu também não era muito de sair à noite e essas coisas, e durante a gravidez estive muito tempo em casa, não gostava de sair. </p>	<ul style="list-style-type: none"> • Antes de ter o filho saia mais e tinha mais amigos. • Passou grande parte da gravidez em casa. 	<p>amigos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manteve os amigos “verdadeiros” • Perdeu alguns • Não gostava de sair enquanto grávida.
<p> Q: Como é que a sociedade olha para as mães adolescentes? Qual é a tua experiência? R: Olha com uma cara de tipo...bue estranha. Como “se fosse a minha filha” e não sei o quê. Depois ficam a olhar muito quando estamos no comboio a ir para a escola. Ficam a olhar muito e a pensar “olha uma criança com um bebé”, “olha duas crianças”. Às vezes dá vontade de perguntar “o que é que foi?” não é?. Porque olham com aquela cara...Fico às vezes irritada. São mais os homens, as </p>	<ul style="list-style-type: none"> • A sociedade olha para ela como se fosse imatura/irresponsável para tomar conta de uma criança. • Fica irritada com esta situação • Homens como sexo que julga mais 	<ul style="list-style-type: none"> • Sofre julgamento da sociedade • Fica irritada com a situação • Sociedade encara-a como sendo uma criança. • Homens são os que julgam mais

mulheres são poucas.		
<p>Q: Como é a experiência de ser mãe? Existe diferença entre mãe adolescente e mãe adulta?</p> <p>R: É uma boa...por um lado não queria ser mãe cedo, mas por outro...não me arrependi. Se pudesse escolher tinha sido mais tarde, mas não me arrependo. É muito bom ser mãe, é mesmo. gosto. Apesar de ser nova, mas isso não tem nada a ver. Só precisa de ter responsabilidade e maturidade. Há mães mais velhas que não tem maturidade para criar um filho. A diferença está em ser independente. As mães mais velhas já tem a sua casa e a sua independência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não se arrepende de ser mãe mas gostava de ter sido mais tarde. • Gosta de ser mãe. • Ser mãe não tem a ver com a idade mas sim com a maturidade e responsabilidade • A diferença entre as duas é a independência que as mais velhas têm. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de adiar a experiência • Não se arrepende • Gosta da experiência • Ser mãe é ser responsável e matura • Diferenças entre “mãe adolescente” e “mãe adulta”

Anexo F – Entrevista Participante 4

Unidade de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>Q: Descreva a sua experiência enquanto mãe adolescente</p> <p>R: É um bocado complicado. Opa não sei. Perdemos muito tempo da nossa vida, muitas experiências novas que podias ter e não..não vais ter. Por um lado é bom ser mãe por outro não. Crescemos e ficamos mais responsáveis, mas perdemos muita coisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É uma experiência complicada porque implica perdermos momentos da adolescência • Considera uma experiência boa e má 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiguidade relativa à experiência de ser mãe adolescente • Experiência difícil • Gravidez como impedimento de experienciar a adolescência
<p>Q: Como era a tua vida antes de engravidar? Como era a tua experiência enquanto adolescente?</p> <p>R: Não ia à escola. Ou ia e ficava a andar pela escola. Depois saía muito, estava toda a hora na rua...e isto tudo mudou. Gostava era de estar na rua com os meus amigos, não ligava para o resto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não havia regularidade na escola. Faltava a muitas aulas. • A prioridade era estar na rua com os amigos. Não ligava a outras vertentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Faltava à escola • Prioriza estar com os amigos na rua e a sair • Não revelava interesse para lá da sua vida social

<p>Q: Como aconteceu a gravidez?</p> <p>R: Não utilizámos meios contraceptivos. Foi uma opção do momento. Não planeamos nada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada que acontece pela falta de utilização de preservativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravidez não planeada • Escolha do momento (não usar)
<p>Q: Hoje em dia, na tua geração, há informação suficiente?</p> <p>R: As pessoas da minha idade não usam porque não querem. Há muita informação. Desde a escola à internet. Acaba por ser uma escolha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A sua geração é informada e toma as decisões por preferência. Há informação nas escolas e internet. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adolescentes não quero utilizar meios • Têm acesso a informação por diferentes meios • É uma escolha
<p>Q: Como descobriste que estavas grávida? Como te sentiste?</p> <p>R: A minha tia foi crismada e eu fui lá na festa dela. Ela olhou para mim e foi logo dizer à minha mãe que eu estava grávida. Depois a minha mãe falou comigo e eu disse “não mãe, não estou, não estou”. E depois a minha mãe disse para eu ir</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A tia dela, ao olhar para ela, percebeu e contou à mãe. • Ao ser confrontada pela mãe nega que está grávida mas a mãe diz-lhe que faça o teste. • Ficou chocada a confirmar que estava grávida e ficou com medo das reações alheias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nega que está grávida • Choque ao confirmar que está grávida • Medo do julgamento • Momento assustador

<p>fazer um coiso ao médico, nós fomos e olha...foi um choque no inicio mas depois pensei que me iam julgar e isso tudo, mas depois tudo passou. Foi um pouco assustador.</p>		
<p>Q: Como reagiu o pai? R: Não sei.</p> <p>Q: Mas ele não sabe? R: Sabe, mas eu já não falava muito com ele. Quando contei ele disse que ia assumir. Mas hoje em dia não nos damos, não falamos. Ele não participa na vida do meu filho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não tinha muito contacto com o pai do bebé quando lhe contou • Ele quis assumir o filho • Hoje em dia, praticamente não falam e ele não participa na vida do filho 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação distante do pai do bebé • Ele assume o filho • Não existe relação • Não participa na vida do filho
<p>Q: Como era a vossa relação? Como é que experiencias agora? R: Não éramos namorados. Éramos um mais ou menos (risos). Mas agora ele está fora da minha vida. Não está interessado em ser pai</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca namoraram. • Ele não faz parte da vida da P ou do filho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inexistência de relação de namorados • Fora da vida da P e do Filho
<p>Q: Como reagiu a tua família? R: O meu tio disse que já não ia ser o mesmo comigo, virou-me costas,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As reações foram diferentes. Desde o tio que a julgou, à mãe que se zangou com ele, à tia que foi a única a ser 	<ul style="list-style-type: none"> • Julgada pelo tio e pai • Represálias da mãe • Tia, que já passou pelo mesmo, apoia • Relação estabiliza

<p> julgou-me, fez tudo como se não fosse um familiar, né? Depois a minha mae, também no principio ficou chateada, não me falava. A madrinha da minha filha, a minha tia foi a única que ficou do meu lado porque ela passou pelo mesmo. O meu pai julgou-me mas depois pediu-me desculpa. Percebi as reações mas ao mesmo tempo fiquei um bocado chateada. Agora todos me perguntam se estamos bem, mandam beijos, gostam da minha filha. O choque deles foi mais pela idade, mas agora todos gostam da minha filha</p>	<p>compreensiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agora as relações estabilizaram e dão-se bem • Gostam da filha dela • Pai pede desculpa pelas reacções 	<ul style="list-style-type: none"> • Boa relação com o filho • Reações provocadas pelo choque inicial e pela idade dela.
<p>Q: Como experienciaste o teu corpo? R: Sempre me senti bem com o meu corpo antes de engravidar. Mas tudo se manteve muito igual. A única coisa que me fazia mais confusão era a barriga (risos) eu nunca tinha tido barriga e foi estranho perceber ela a crescer.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O corpo não mudou muito, nem a forma com que olha para ele. A única coisa que mudou foi a barriga. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bem-estar antes de engravidar • Não sofreu grandes alterações corporais • Barriga é a única coisa que lhe faz confusão.

<p>Q: Como foi a vivência escolar?</p> <p>R: Continuei na escola. Só não fui no último mês porque tinha que subir uma rampa e sempre que o fazia perdia sangue, foi complicado ao início. As reações foram muito boas. Todos me começaram a abraçar a dizer que queriam ser madrinhas e padrinhos. Não foi assim tão mau. Foi pior em casa do que na escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Continuou a frequentar a escola até ao último mês. Aí deixou de o fazer porque o percurso a fazia perder sangue. • Todos receberam a notícia com alegria • Compara a escola com a família 	<ul style="list-style-type: none"> • Bem recebida por todos a quem contou • Comparação positiva em relação ao que se passou em casa
<p>Q: Como é a tua experiência social? Como é que os teus amigos reagiram?</p> <p>R: Não me disseram nada. Ficaram na boa. Nada mudou entre nós. A única coisa que mudou foi o número de vezes que nos vemos e que saímos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A relação com os amigos manteve-se a mesma, só mudou a frequência com que saem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação estável com os amigos. • Deixa de sair tanto

<p>Q: Como é que a sociedade olha para as mães adolescentes? Qual é a tua experiência?</p> <p>R: Eu não dou muita importância. Antes dava, mas agora já não dou. Não dou importância para o que as pessoas dizem. Eles pensam sempre que é uma criança com outra criança. É um bocado de julgamento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não dá a importância aos que as pessoas pensam, como dava antes. Mas sente que a sociedade olha para ela como sendo uma criança a tomar conta de outra. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não dá importância • Antes dava • Julgamento por parte da sociedade • “Uma criança com outra”
<p>Q: Como é a experiência de ser mãe? Existe diferença entre mãe adolescente e mãe adulta?</p> <p>R: É difícil. Ela é chata (risos) mas é bom. Se pudesse teria tido um bebé mais tarde, não tão nova. Mas não existe grande diferença, acho eu. Talvez a independência que as mães mais velhas têm. Ainda me falta algum tempo para deixar a escola e poder começar a trabalhar. Elas têm essa sorte que nós não temos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Refere como sendo uma experiência difícil e que se pudesse tinha adiado. Não consideram existirem muitas diferenças. As únicas que aponta são a independência e o ter que frequentar a escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência difícil • Preferia ter um bebé mais tarde • Não considera existirem diferenças significativas • Tem menos independência • Ainda tem de ir à escola

--	--	--